PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
12 de Outubro de 2016
Nº 180 | 2euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

José Rodrigues

vai acompanhar-nos sempre

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef.: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís
António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | **Helder Pacheco**
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
Levi Guerra | **Lídia Jorge**
Mário Cláudio | Miguel Cadilhe
Miguel Veiga | **Salvato Trigo**

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | **Alberto Cadilhe** | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | **Artur Serra Araújo**
Carlos Cabral Nunes | **Carlos Tavares** | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | **Francisco d'Eulália** | Francisco Noronha
Francisco Simões | **Guilherme d'Oliveira Martins** | Gomes Fernandes
Helena AM Pereira | João Cardim | **Jorge Sanglard** | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António
Manuel Sobrinho Simões Manuela Aguiar | **Maria Antónia Jardim**
Maria do Carmo Cardoso Mendes | Martinho Soares | **Miguel Leite**
Mónica Baldaque | **Paulo Ferreira da Cunha** | Pedro Cardim Ribeiro
Ramiro Teixeira | Rodolfo Alonso | **Rudesindo Soutelo**
Silvina Pereira | **Vasco Rosa**

PARCERIAS

CENTRO NACIONAL DE CULTURA

APOIOS

Porto.

BancoBIC Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do **BancoBIC**

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

"Sentimos saudade de certos momentos da nossa vida e de certas pessoas que passaram por ela."
Carlos Drummond de Andrade

Querido Amigo Zé
Este seu jornal dedica-lhe grande parte da edição deste 12 de Outubro. Juntámos estes 25 amigos à sua mesa. Poderiam ser muitos mais, mas hoje são o Armando Alves que lhe dedica a capa e palavras de sentida saudade, no que é acompanhado por Albano Martins, Afonso Pinhão, Amândio Secca, Artur Moreira, Castro Guedes, Francisco Laranjo, Fernando Nogueira, Gomes Fernandes, Hélder Carvalho, Helena AM Pereira, Ilda Figueiredo, Isabel Saraiva, José António Gomes, Leonor Soares, Luísa Malato, Luísa Gonçalves, Luísa Prior, Manuela Mendes da Silva, Nuno Higino (que já lhe leu este sentir), Ramiro Teixeira, Raquel Rocha, Salvato Trigo e Zulmiro Carvalho.
"Para Sempre" aqui estão!

Querido Zé
É incontável o número dos seus admiradores e amigos que, entretanto, nos fizeram chegar apoio a esta iniciativa e que se juntam neste "tempo que não pára" porque "só a saudade faz as coisas pararem no tempo", mas todos já marcaram presença na leitura do Artes e na sessão de 28 de Outubro na sua Fábrica Social, feita Fundação de afectos esculpidos em bronze!
Com todos, os de ontem e de amanhã, partilho este seu desenho com que assinalou o primeiro aniversário do jornal.
Lembra-se? Corria Março, e o sol envergonhado daquele fim de tarde primaveril iluminava três desenhos "que fiz a pensar em ti... qual preferes? Eu penso que talvez... este..." Eu, não hesitei.
Aqui está! Foi a capa do nosso primeiro ano, em 19 de Maio de 2010, e o desenho vigia os meus sonhos.
Obrigada para sempre!
A todos boas leituras, em artes feitas!

NOTA
O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT
À venda, para além dos locais habituais:
Poetria, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis e Livraria Lello

Guilherme d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

Em destaque

A atualidade de Ferreira de Castro...

Falar hoje de Ferreira de Castro é referir um autor injustamente pouco lembrado, que conheceu uma grande notoriedade em vida, mas que foi, de algum modo, vítima da sua própria celebridade. Continua, porém, a ser um dos autores portugueses com maior divulgação internacional, merecendo a sua obra uma releitura atenta e uma revisitação necessária. De facto, o tempo pode ter tido a virtude de dar ao escritor e à sua obra uma importância que o futuro deverá confirmar, pela sua força e pela atualidade da compreensão do género humano – que outros seus contemporâneos não conseguiram. Lembremo-nos de «A Selva» (1930), a sua obra porventura mais conhecida e com inequívoca densidade literária, cultural e humana. A experiência brasileira do seringal, da extração da borracha, no Pará, baseada na vida vivida pelo muito jovem emigrante que o escritor foi, ganha hoje uma importância muito especial, ao aliar a vitalidade literária e antropológica à verdade testemunhal. Ler «A Selva» é não só tomar contacto com um vibrante relato literário e pessoal, mas também conhecer a vida da emigração para o Brasil no início do século XX. Alberto é, com as naturais distâncias que o próprio autor estabelece, uma figuração do próprio Ferreira de Castro que bem conheceu o seringal Paraíso, nas margens do rio Madeira, afluente do Amazonas. Jorge Amado, Albert Camus, Stefan Zweig ou Vitorino Nemésio salientaram, com inteira justiça, o inequívoco valor da obra – e o certo é que o tempo irá, por certo, confirmar as razões que levaram a tais apreciações. Ferreira de Castro reganha uma importância na literatura da língua portuguesa, que em muito ultrapassa razões circunstanciais que levaram à celebridade e ao sucesso editorial alcançados em vida. «A Selva», pode dizer-se, é uma obra luso-brasileira – qualidade que é singular e que pode constituir exemplo para o desenvolvimento de uma cultura partilhada e de uma língua capaz de favorecer um fecundo diálogo intercultural. Esses fatores reforçam-se com o tempo e constituem base para um intercâmbio literário que as novas gerações não deixarão de considerar. Digo-o quanto é certo que, para a minha geração, se trata de um bom reencontro... Fomos marcados pela omnipresença literária de Ferreira de Castro. Quando surgiram novas correntes e tendências, a força testemunhal e realista do autor de «Emigrantes» entrou um pouco na penumbra, como aconteceu com outras figuras da sua geração. Hoje, porém, depois de um tempo de pousio (que é sempre saudável) percebemos que há razões suficientes e novas para voltar a dar atenção ao romancista de Oliveira de Azeméis, cuja obra tem perenidade.

Juca Tristão, o magnate, marca pela ganância, pelo desejo de lucro imediato e pela exploração humana, de que vive. Os capatazes Balbino e Caetano procuram contratar gente muito pobre, que vive o drama da secura do Ceará, e que muitas vezes não resiste à própria viagem a que são obrigados. A exploração é cega e desumana, a dependência da cachaça turva as mentes, as dívidas dos pobres acumulam-se e geram uma nova escravatura... Alberto é monárquico e sai de Portugal com a implantação da República. Chegado ao Pará é vítima da crise da borracha e vê-se desempregado. O apoio que seria esperável por parte de um familiar, o tio Macedo, não acontece de facto e o jovem tem de ir para a selva. Aí encontra um mundo de violência e de incerteza, em que os exploradores da borracha entram em choque com as tribos locais, com valores tradicionais, incompatíveis com a lógica do ganho a todo o custo... Manifestam-se os instintos mais primários e desumanos, fruto do isolamento e das necessidades desreguladas. O parasitismo e a dependência, que se notam no desenvolvimento da flora, projetam-se nas relações humanas. A personalidade de Alberto vai-se modificando, ora pela dureza da experiência, ora pela tomada de consciência da necessidade de compreensão humana... Deixa de ser altivo e elitista, e é obrigado a entender a injustiça e a podridão. O contacto com os outros, com os seus dramas, vinganças, complexos permite-lhe entender melhor o mundo que o cerca... Quando Alberto assume funções de responsabilidade na empresa começa a aperceber-se da perversidade das relações profissionais e humanas e de como Tristão manipula e condiciona quem para ele trabalha. E sente uma contradição íntima – a consciência das injustiças e o desejo de ter um maior ganho e de melhorar a posição social e a situação económica... A revolta e a sede de vingança do Negro Tiago obrigam Alberto a superar uma certa cegueira humana que o atingira... Como é falível a administração da justiça! Como são falsos alguns critérios formais de legalidade!... E Alberto toma consciência de que as estruturas políticas dificilmente salvaguardam a liberdade e a justiça, as desigualdades e os conflitos sociais desregulados atingem proporções inaceitáveis. O jovem Alberto compreende a importância da autonomia e da liberdade, em lugar da conservação das instituições. Os direitos fundamentais tornam-se pilares essenciais da dignidade humana – que obriga à consciência dos outros, à exigência de humanidade e à salvaguarda da singularidade.

NOTA
Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Paulo Samuel
ensaísta e investigador

Homenagear Ferreira de Castro

Em 2016 perfazem-se 100 anos da estreia literária de Ferreira de Castro, que ousou, aos 14 de idade, escrever as páginas que mandou imprimir sob forma de fascículos, em Belém do Pará, no Brasil, sob o título *Criminoso por Ambição*. Nessas páginas, primeiro manuscritas e depois feitas livro à custa dos seus parcos meios, encontra-se o embrião daquela que será a sua obra mais emblemática, *A Selva*, cuja repercussão mundial, quer pelo número de idiomas em que foi traduzida (com dezenas de edições e milhares de exemplares), quer pela importância do núcleo narrativo, muito ligado à exploração do "ouro negro" na selva amazónica, constituiu um caso inédito de sucesso no panorama da literatura nacional e internacional. Nesse mesmo ano, Ferreira de Castro publica ainda a peça teatral (em 6 quadros) *A Alma Lusitana*.

A homenagem que se realiza na Fundação Eng. António de Almeida (ver programa) é um pretexto para recordar Ferreira de Castro não apenas no plano literário, enquanto jornalista e romancista, mas Ferreira de Castro como humanista, uma personalidade que, através da escrita – do romance, da novela, do texto dramático e dos escritos de problemática social e política – quis deixar uma marca singular no entendimento da vida e da existência humana. Um homem para quem a quintessência se traduzia na vida vivida em liberdade e na busca de um bem comum.

Ferreira de Castro foi, no século XX, o escritor português mais traduzido e lido no mundo. Proposto a Prémio Nobel da Literatura, *apenas* ganhou o reconhecimento dos seus pares, no jornalismo e na literatura (o que uma larga cópia de dedicatórias em páginas de rosto alheias logo comprova) e vários prémios literários e distinções, que aceitou com modéstia, utilizando os valores pecuniários recebidos para gestos filantrópicos, acções sociais e culturais. Entre os seus livros, da fase dita canónica, *Emigrantes* ou *A Selva* permanecem como títulos de referência, objecto de estudo da sociologia literária e da antropologia cultural, pelo que neles se mantém de actual e vívido. A questão, hoje tão sensível, das migrações e dos refugiados, encontra simbioses no que deixou escrito Ferreira de Castro, a propósito dos emigrantes e da sua luta por uma vida melhor, não só por mais bem remunerada, mas por condições sócio-económicas e culturais que nem sempre conseguem nos países natais.

A atenção que se entendeu dar, nesta circunstância, a Ferreira de Castro, em larga medida passa por um reconhecimento valorativo do seu jeito de pensar e da atitude humanista que caracterizaram a sua vivência, uma forma de estar em sociedade que atribuía mais importância aos actos concretos do agir solidário – condição de quem se quer "irmão" de todos os homens, independentemente da cor da pele, língua e matriz cultural –, do que aos conceitos ideológicos. Ao longo da sua existência, o autor de *A Lã e a Neve* ou *Terra Fria*, dois livros nos quais o drama existencial, as contingências e limites da paisagem física, humana e social ditam as suas leis, deu testemunho dessa entrega ao próximo, por via das Letras, mas também por uma exemplaridade alicerçada em gestos generosos, nem sempre conhecidos ou revelados por quem os fruiu.

Além disso, derrogando razões subjectivas, o Porto deve esta homenagem a Ferreira de Castro, pois o escritor sempre teve um carinho especial pela Cidade e pelos portuenses. Quando do 50.º aniversário da edição de *Criminoso por Ambição*, realizaram-se na Invicta diversas homenagens. Entre outras entidades, participaram a Câmara Municipal do Porto, a BPMP, o Ateneu Comercial, a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e a Associação Comercial do Porto, através da revista *O Tripeiro*. No presente, mantém essa memória a Fundação Eng. António de Almeida, que envolve nesta homenagem a AJHLP, alguns livreiros-alfarrabistas e o *As Artes entre As Letras*.

Embora não fosse cidadão portuense, a relação de

Ferreira de Castro, 28 anos. Por Eduardo Malta

Ferreira de Castro com o Porto fica assinalada por factos de incidência histórica, mas também simbólicos: integrou a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, escreveu e deu entrevistas para a *Gazeta Literária*; regista-se colaboração de Ferreira de Castro no jornal *O Primeiro de Janeiro*, onde amiúde surgiram artigos sobre o autor de *Eternidade*; realizou no Porto diversas conferências e parte dos seus livros de juventude foram publicados pela Livraria-Editora Civilização, sob cuja chancela fundou e dirigiu o Magazine «Civilização», que se publicou entre 1928-1937; a 1.ª edição de *A Selva* foi publicada no Porto, pela Civilização, em 1930; uma das primeiras recolhas da sua «Obra Completa» veio a público nesta Cidade (nos anos 40, com sucessivas reedições), pela Editora Lello & Irmão; em Livrarias do Porto, designadamente Latina, Lello e Divulgação, realizaram-se muitas apresentações de livros, e sessões de autógrafos, com a presença do escritor, com grande afluência de público (aliás, Ferreira de Castro sempre quis apresentar os seus livros no Porto, por saber do carinho com que nesta cidade era recebido); Ferreira de Castro, que chegou a participar no MUD, foi testemunha de defesa nos julgamentos do Tribunal Plenário do Porto de elementos do MUD-Juvenil, entre eles, Óscar Lopes; na vasta correspondência de Ferreira de Castro e no elenco das dedicatórias que escreveu em livros de sua autoria, há um rol considerável de amigos (intelectuais, poetas, escritores, artistas, políticos, gente do teatro) que são portuenses ou estão ligados ao Porto.

Fica assim enunciado um breve elenco de justificações para a presente evocação e homenagem, que se corporiza num ciclo de Conferências sobre o Escritor e numa Exposição bibliográfica, que inclui as suas principais obras, em 1.ªs edições, mas também alguns escritos autógrafos, retratos e outras lembranças, o que só foi possível reunir por via daqueles que colaboram nesta iniciativa, mostrando que têm da Cultura uma percepção identitária, nada utilitarista nem mercantilista...

Ferreira de Castro
100 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

11 ~ 21 OUT 2016
FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PROGRAMA

11 OUTUBRO 18H00

SESSÃO INAUGURAL DA HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

"Ferreira de Castro – do crepúsculo naturalista ao entardecer neorealista. Atualidade da sua obra e vida exemplar"

Pedro Calheiros (Universidade de Aveiro)

Participação de alunos do Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA

13 OUTUBRO 18H00

"A génese da escrita de Ferreira de Castro"

Isabel Ponce de Leão
(Universidade Fernando Pessoa/CLEPUL–Porto)

"A obra não canónica de Ferreira de Castro – acenos de uma problemática existêncial"

Paulo Samuel (CLEPUL–Lisboa)

14 OUTUBRO 18H00

"Ferreira de Castro, uma memória"

José Manuel Mendes
(Presidente da Associação Portuguesa de Escritores)

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

19 OUTUBRO 18H00

"A história nos romances de Ferreira de Castro: de *Emigrantes* até *A Lã e a Neve*"

António dos Santos Pereira (Universidade da Beira Interior)

Ferreira de Castro no cinema. Projeção de filme.

20 OUTUBRO 18H00

"*Emigrantes* – ontem como hoje"

Célia Pinho (Investigadora na área das migrações)

Dramatização e leitura de excertos de *Emigrantes* pelo ator Fernando Soares

11 - 21 OUTUBRO

Exposição Bibliográfica e Documental
(com visita guiada através de marcação prévia, por telefone ou e-mail)

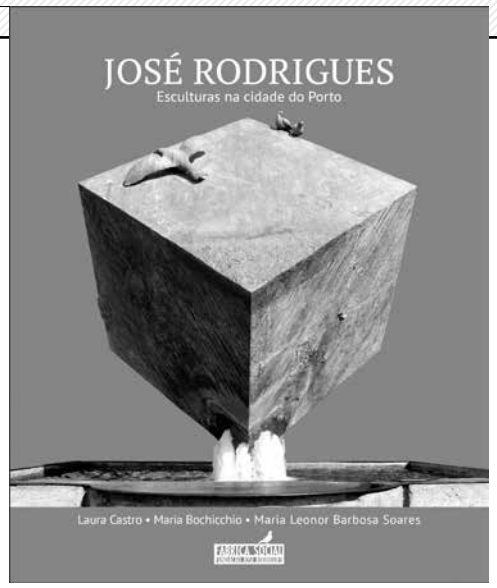
RUA TENENTE VALADIM, 325 · 4100-479 PORTO
TEL.: 226 067 418 · E-MAIL: FUNDACAO@FEAA.PT

COLABORAÇÃO

100 ANOS VIDA LITERÁRIA FERREIRA CASTRO
eb.fc Escola Básica e Secundária Ferreira de Castro
MUSEU REGIONAL OLIVEIRA DE AZEMÉIS
ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS DO PORTO

[28/10/1936-10/9/2016]

Homenagear e recordar o mestre José Rodrigues



A Fundação Escultor José Rodrigues (FEJR) - Fábrica Social organizou, em colaboração com diversos parceiros, as comemorações dos 80 anos de José Rodrigues. Mas o mestre morreu sem os completar... e assim, a 28 de Outubro assinalar-se-á a data do seu nascimento. Como previsto, nesse dia, a FEJR acolherá várias acções (cuja hora não era conhecida à hora de fecho desta edição), nomeadamente a apresentação do livro «José Rodrigues | Esculturas na cidade do Porto», de Laura Castro, Maria Bochicchio e Maria Leonor Barbosa Soares; a apresentação do catálogo/livro da última exposição de José Rodrigues com Raquel Rocha – «Celebração». Recorde-se que a inauguração desta mostra foi o primeiro momento que assinala a efeméride e pode ser visitada na Fábrica Social até 5 de Novembro. Ainda no dia em que o escultor faria 80 anos será inaugurada a exposição «José Rodrigues 80 anos/80 interpretações», que contará com trabalhos de mais de 90 artistas e que serão doados à Fundação, cuja ideia partiu da artista plástica Luísa Prior [ver texto em baixo]. Ideia também acolhida pela Cooperativa dos Artistas de Gaia, a que se associou no âmbito da Onda Bienal. A mostra tem curadoria do director da Cooperativa dos Artistas de Gaia, Agostinho Santos, e Luísa Prior.

Para esse dia, está igualmente prevista a inauguração do Monumento ao Empresário criado pelo escultor José Rodrigues e cuja restauração a Câmara do Porto está a realizar. Criado em 1992 por José Rodrigues, está situado entre as avenidas Marechal Gomes da Costa e da Boavista.

O escultor faleceu no Porto, cidade onde se radicou e à qual dedicou grande parte da sua vida e da sua obra; na Invicta criou ainda a sua própria fundação, que integra vários espaços – ateliês, salas de exposições, permanentes e temporárias, e um auditório. Mas também a sua ligação a Vila Nova de Cerveira é bem conhecida... E a Alfândega da Fé, de onde eram naturais os seus pais e onde o escultor passou muitos períodos de tempo, desde muito jovem, tendo mantido a ligação ao concelho durante toda a sua vida. Por isso, a estas três localidades – Alfândega da Fé, Vila Nova de Cerveira e Porto –, liga-as com especial intensidade José Rodrigues. As três decretaram dois dias de luto municipal; as duas primeiras tiveram as respectivas bandeiras municipais a meia-haste.

Alfândega da Fé reconheceu o seu valor ainda em vida dando o nome do escultor à Casa da Cultura – Casa da Cultura Mestre José Rodrigues – e fez saber que irá atribuir a uma rua o nome do mestre, "como forma de manter a sua memória e homenagear a sua obra".

Por seu lado, o executivo de Vila Nova de Cerveira reconhecendo "a dedicação e ligação íntima ao concelho, e pelo respeito e amizade às suas gentes", aprovou na reunião a seguir à sua morte, por unanimidade, a atribuição do nome do mestre José Rodrigues ao espaço ajardinado à entrada na vila onde se encontra "a grandiosa" escultura da sua autoria, «O Esforço», nascendo o «Jardim Mestre Zé Rodrigues - Escultor - 1936/2016».

Em comunicado, a autarquia explicou que este acto simbólico representa um contributo para a recordação e preservação da memória do homem e artista nos dias de hoje e para as novas gerações".

A autarquia aprovou ainda, na reunião de vereação, um Voto de Pesar pelo falecimento do escultor que tantas ligações tinha ao concelho, guardando um minuto de silêncio em sua memória.

Com um vasto e rico currículo de âmbito nacional e internacional, o artista plástico é reconhecido também pelas suas inúmeras esculturas públicas que se encontram espalhadas por Portugal – de que são exemplo Celorico de Basto, Bragança, Arcos de Valdevez, Valpaços, Sabugal (tribunal) e Fátima –; sendo, em Cerveira, o autor de três símbolos escultóricos: «O Cervo», o «Esforço» e as «Navegações»; para além do espólio aberto ao público no Convento S. Paio.

A admiração pelo escultor e pintor é praticamente unânime a nível pessoal e institucional. Por isso, entre desenhos e esculturas, passando pelos cenários, Barcelos acolhe três exposições deste nome incontornável da história da arte portuguesa, integrando-as no programa da edição deste ano do Festival de Teatro. Com entrada gratuita, as mostras podem ser visitadas no Teatro Gil Vicente, «Espaços Cénicos», até 20 de Novembro; na Sala Gótica, «Esculturas e Desenhos», até 27 de Dezembro, e no Museu de Olaria, «Fragmentos», até 27 de Dezembro.

Luísa Prior
artista plástica

Homenagem ao Mestre José Rodrigues

Era às terças-feiras que me juntava em almoço de convívio com várias artistas e com a Nassalete Miranda, diretora do Jornal "As Artes entre As Letras".

Foi num destes encontros de artes e afetos, no ano de 2014, que me surgiu a ideia de homenagear o Mestre José Rodrigues, inspirador de muitos artistas, pelo que propus a organização de uma exposição coletiva, tendo por tema o rosto do Mestre ou abordagem da sua obra e a doação dos respectivos trabalhos à sua fundação.

A data escolhida foi o dia 28 de Outubro de 2016, pelo seu 80.º aniversário e com a participação de 80 artistas.

Um Grande Ser Humano, defensor de causas e ideais, que me inspirou pela sua simplicidade, sabedoria e expressão artística, daí a ideia de o homenagear ainda em vida.

Por ter verificado várias adesões a este projeto, partilhei a ideia com a filha do Mestre, e diretora da Fundação José Rodrigues, Ágata Rodrigues, que desde logo a acarinhou.

Após o seu falecimento e porque são as obras que imortalizam os seus autores, foi decidido concretizar a exposição na data em que faria 80 anos!

A este grande Senhor das Artes um muito obrigado por ter connosco partilhado a sua grandiosa obra enriquecendo assim a cultura do nosso País.

Ramiro Teixeira
crítico literário

Memória e Geração

Todo o ser humano possui o vínculo de pertencer a uma geração, tendo por referência o conhecimento e a empatia com os seus líderes, sejam políticos ou futebolistas, artistas ou escritores, religiosos ou empresários, etc., com os quais se solidariza na admiração que por eles nutre ou no repúdio por acções neles condenáveis, independentemente de com eles tratar ou conviver e sequer esperar que eles o conheçam.

Mas não ficamos por aqui, porque os vínculos que uma geração transporta dizem respeito igualmente à geografia citadina, desde os transportes às escolas, estabelecimentos comerciais, zonas históricas e de lazer, jardins, cinemas, clubes, ruas, etc., enquanto referências existenciais partilhadas em comum durante a vida que lhes coube.

O conceito de geração tem a ver com tudo isto e é particularmente assumido no local onde se vive, independentemente de onde se nasceu, sem prejuízo dos liames que com ele também se estabelecem e inclusive com os da nacionalidade.

Pertenço a uma geração que está a desaparecer desde o encerramento do Parque das Camélias, do Carlos Alberto e mais tarde do Vale Formoso, Olímpia, Júlio Dinis, Nuno Álvares, Batalha, Foco, Trindade, Rivoli e Coliseu, enquanto cinemas, tal como de diversos estabelecimentos de nomeada ou de imaginário, como era o caso do Bazar dos Três Vinténs, e dos bancos que desapareceram ou estão em vias disso, para não falar no perdido romantismo do Jardim da Cordoaria e da colorida florescência da Avenida dos Aliados, por troca de um *sinzentismo* desértico com um bidé de água suja no topo, além, claro, dos cafés de antigamente onde a vida social do burgo decorria.

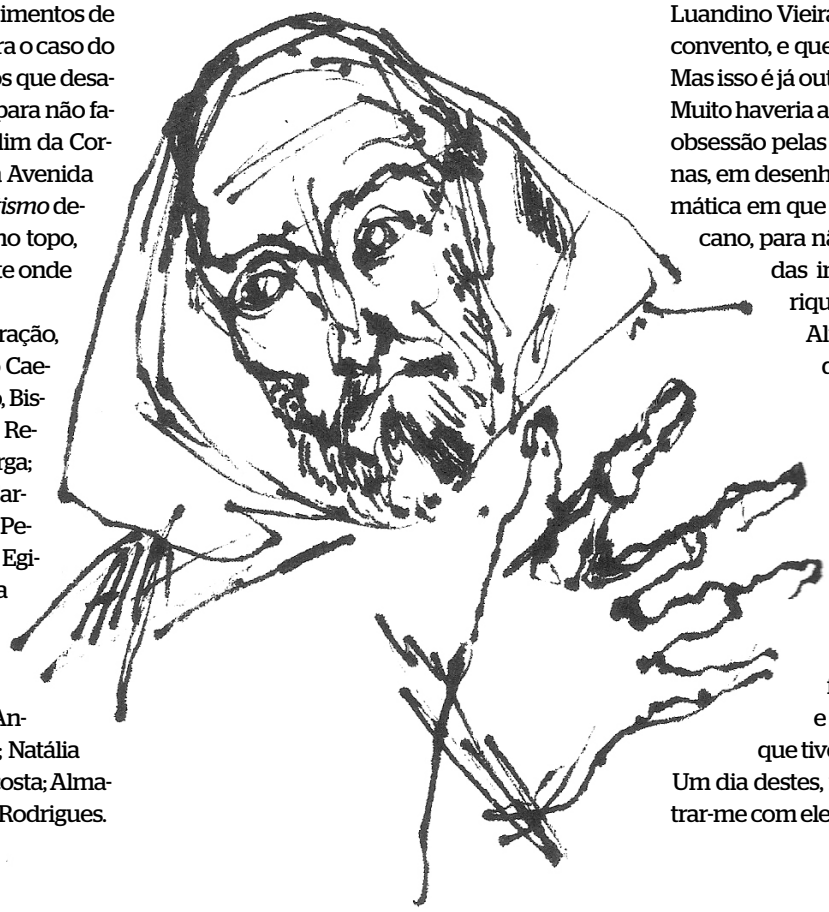
Tudo isto fazia parte da minha geração, tal como o Oliveira Salazar, Marcelo Caetano, Humberto Delgado, D. António, Bispo do Porto e Álvaro Cunhal; Régio, Redol, Gaspar Simões, Aquilino e Torga; Namora, Sena, Ruben A. e José Cardoso Pires; José Gomes Ferreira, Pedro Homem de Melo, Veiga Leitão, Egito Gonçalves, David Mourão-Ferreira e Eugénio de Andrade; Alexandre O'Neill, Vergílio Ferreira, Vasco Graça Moura, António Rebordão Navarro e Manuel António Pina; António Gedeão e Manoel de Oliveira; Natália Correia, Sophia, Ilse Losa e Luísa Dacosta; Almada, Barata Feyo, Júlio Resende e... Zé Rodrigues.

É como digo: a minha geração, aquela que me enformou e me deu porventura o carácter de Ser, que me ensinou a repudiar a tirania, a admirar a poesia e a literatura em geral, a par da beleza artística e os seus heróis míticos, está a desaparecer, embora, em rigor, enquanto for vivo, estejam comigo, vivos, vivíssimos na minha memória, enquanto os recordar, ler e admirar as suas obras. E porque assim é, toda esta gente e espaços em que comunguei, possuem tantas mortes quantos aqueles que os retêm na memória.

Claro, a vida é assim mesmo, implicando um renovar constante de seres e de coisas, na alternância de gerações, não poucas vezes, até, em conflito, mercê da ascendência da nova e do desterro da velha, ainda que sempre presente, historicamente, pela memória. E, assim, muitos destes próceres sobrevirão sob a forma de mitos, da mesma forma que muita da geografia passada sobrevirá em monografias por especialistas, constituindo perene memória colectiva.

Não tenho dúvidas sobre a permanência da obra do Zé nessa memória.

Entretanto, no agora, basta-me pegar no meu livro "Santo António e São Francisco, Verbo e Mística. História e Biobibliografia" (2004), para não só o vislumbrar na capa que desenhou, em plena ascensão espiritual, como na ilustração do interior que possui uma história curiosa.



Em determinada ocasião em que almocei com ele numa tasquinha perto do Tribunal, onde habitualmente advogados e juízes comiam, principalmente, julgo, às quartas-feiras, que era o dia das tripas à moda do Porto, uma especialidade da casa, no seguimento da conversa que nos motivava, que era justamente a edição da obra supra, a cargo do Convento S. Payo, ou seja do Zé, através do protocolo que tinha com a autarquia, aconteceu que ele, enquanto falávamos sobre o assunto, desenhou num guardanapo de papel a figura de um frade místico. Arrumada a refeição, trouxe o guardanapo, mandei encaixilha-lo, fazendo questão de ele constar na reprodução na obra, cuja laboração minha, em fase quase terminal, coincidiu com o interesse do Zé numa biografia de S. Francisco, dado que o Convento de S. Payo é de origem franciscana, assim desencadeando a sua edição.

Já agora, informo que esta obra não entrou no mercado, teve uma tiragem de apenas 500 exemplares, encontrando-se à venda apenas no Convento de S. Payo.

Outros almoços entre nós ocorrerem, e de um em especial me recordo, em companhia do Luandino Vieira, que se alojava num anexo do convento, e que me deixou marcas profundas. Mas isso é já outra história.

Muito haveria a dizer sobre a obra do Zé, da sua obsessão pelas fendas e redundâncias femininas, em desenho e escultura, a par da outra temática em que se dá sob o disfarce de franciscano, para não falar noutras realizações, todas imperecíveis e sem atraiçoar a riqueza humana e a vida criativa.

Aliás, por essa época, o Zé, segundo o que me dizem os alfarrabistas do burgo, comprava tudo que dissesse respeito ao franciscanismo.

Do mais, particularmente da sua obra, fico-me por aqui, pois não faltará quem melhor do que eu desenvolva os dons da sua criação artística.

De forma que por aqui me fico, folheando o livro que ele editou e mais as recordações do trato que tivemos ao longo dos tempos.

Um dia destes, naturalmente, espero reencontrar-me com ele.

José António Gomes
prof. da ESE do Porto; escritor;
NELA - Núcleo de Estudos Literários
e Artísticos da ESE do Porto

O olhar de José Rodrigues

10 de Setembro de 2016: tristeza, funda tristeza na partida de José Rodrigues, aos 79 anos[1]. Um notabilíssimo escultor, um admirável desenhador e pintor, um original criador de espaços cénicos para teatro (trabalhou com o Teatro Universitário do Porto, o Teatro Experimental do Porto, a Seiva Trupe, o Teatro Experimental de Cascais).

José Rodrigues, ouso dizer, era um daqueles contemporâneos que em poucos anos acederam ao lugar dos clássicos. O seu traço, o seu trabalho criador evidenciam um estilo que se tornou inconfundível. O talento de que deu mostras no desenho a carvão e na escultura fizeram-no perseguir a beleza, é certo, mas uma beleza que transportava em si, quase sempre, qualquer coisa de transgressor e, não raro, de trágico (de lorquiano, apetece-me dizer) – como se observa na sua série de Cristos, nas suas "anjas", mas também na busca, lograda, de uma representação da dimensão erótica no desenho e na escultura. Atitude, acrescente-se, de alguma ousadia, sobretudo no Portugal do antes do 25 de Abril, susceptível de ser apreciada, por exemplo, nos sedutores desenhos de luz e sombra para *Variações sobre um corpo: Antologia de poesia erótica contemporânea*, organizada por Eugénio de Andrade e editada pela Inova, de José da Cruz Santos, em 1972.

Obra de Emerenciano

O amor à terra, à matéria, aos elementos – que tão inscrito ficou nos objectos escultóricos que nos legou – e a sensualidade da sua arte favoreceram a aproximação entre José Rodrigues e certos escritores, muito em especial Eugénio de Andrade, com quem manteve duradoura amizade e cumplicidade artística e com quem colaborou em obras diversas. A título de exemplo, recordo aqui a magnífica edição, de 1995, desse livro seminal da poesia portuguesa do século XX que é *As mãos e os frutos* (1.ª ed., 1948), publicada pela Campo das Letras e pela Fundação Eugénio de Andrade, com direcção gráfica de outro amigo, Armando Alves. Mas igualmente deu frutos, editoriais ou de outro tipo, a amizade do escultor com artistas da palavra como Luísa Dacosta, Mário Cláudio, Albano Martins, Luandino Vieira, Nuno Higino e muitos outros. José Rodrigues tinha amor à poesia e apreço pelos poetas que, melhor do que ninguém, o compreendiam. Como escreveu Eugénio de Andrade, num texto inesquecível[2], "estávamos em presença de uma natureza sensual, quero dizer, de um artista, isto é, de alguém muito empenhado em afirmar o milagre de estar vivo. Mas só quem conhece a morte sabe amar assim a vida". Contemple-se, a esta luz, a série admirável dos Cristos.

Nesta hora, não faltará quem recorde, e bem, o talento do homem solidário e que fez da amizade um culto, de posicionamento antifascista e democrático, disponível para a intervenção artístico-cultural e sociopolítica e para a partilha, receptivo aos jovens, aberto a conhecer novos artistas de qualidade, que sempre soube estimular e apoiar. Ninguém esquecerá que na juventude pertenceu ao chamado grupo d'Os Quatro Vintes, juntamente com Armando Alves, Jorge Pinheiro, Ângelo de Sousa (tão peculiar cada um eles, tão notáveis todos eles). Lembrar-se-á a acção pedagógica como professor e membro da direcção das Belas Artes do Porto; e a co-fundação da Cooperativa Árvore, de que foi director durante tantos anos, bem como da Bienal de Vila Nova de Cerveira. Referir-se-á a iniciativa de dar corpo à Fábrica Social - Fundação José Rodrigues, criando uma nova centralidade sócio-artística na Fontinha – histórico bairro operário do Porto, onde, na Rua das Musas, nasceu, em 1900, o poeta José Gomes Ferreira. Mas será lembrada também a generosidade militante do artista, que sempre o levou a apoiar, de várias formas, as causas da esquerda e a situar-se, invariavelmente, do lado dos interesses do povo, em defesa da liberdade, da democracia e da paz, sem descurar a exigência de uma política cultural sustentada e consistente.

Pela minha parte – convivi com o artista por diversas vezes (por exemplo no Convento de San Payo, perto de Cerveira, um dos seus ateliers-museus, ligado à Associação Cultural Convento de San Payo, outra das suas criações) e com ele partilhei mesas de intervenção cívica ou cultural, por exemplo na Cooperativa Árvore –, pela minha parte, repito, gostaria de guardar outra coisa: o inconfundível olhar de José Rodrigues. Esse olhar que, tal como as suas mãos, sabíamos ser dotado de um poder transfigurador, quase mágico. Mas um olhar ao mesmo tempo demorado, inquiridor, não raro de funda solidão e de uma dor que dos seus olhos nunca se dissipava por inteiro (traços que detectamos nos seus Cristos, auto-retratos quase, alguns deles). Esse olhar era ainda o da "melancolia feroz" que Eugénio de Andrade lhe descobriu no regresso de África. Nada disto porém punha em causa a proverbial cordialidade do artista, o seu sentido de humor e irreverência, o seu notório amor à vida e à Natureza.

De José Rodrigues, desse grande-criador-em-permanência, fica-nos uma saudade imensa. E fica toda uma obra que é uma espécie de acrescento de sublime à infinita beleza do mundo. Um mundo feito de homens e mulheres concretos, que a dimensão dramática da sua arte nunca soube nem quis ignorar.

NOTA

[1] Preparou-se para o *As Artes entre As Letras* a presente versão, revista e acrescentada, de um texto publicado no jornal on-line *AbrilAbril - O Outro Lado das Notícias*, em 12 de Setembro de 2016.

[2] Eugénio de Andrade, "Assim pode nascer a alegria", in *Poesia e Prosa: 1940-1980*, 2.ª ed., Porto: Limiar, 1980, pp. 362-364.

Maria Luísa Malato
prof. universitária UP

A José Rodrigues, "A Meio do Caminho"

Que me resta senão escrever? Tenho diante de mim um anjo de formas femininas desenhado a prata sobre fundo escuro. E na minha cabeça a imagem de José Rodrigues, casaco escuro, de óculos por cima dos cabelos que me faziam ver melhor os olhos fundos, fundos. A anja e aqueles óculos parecem dizer-me que não é importante repetir nada sobre a vida que existe agora, depois da morte. A anja e os óculos tornam-me inúteis os céus, infernos e purgatórios de que já me falaram os livros e a pintura. Mas serão agora os livros e a arte tão inúteis quanto os penso? Entre os de Michel Hulin, Georges Minois, ou Jacques Le Goff, os estudos de Delumeau contam explicitamente uma história pessoal em busca do tempo perdido. Não é por acaso que relembram os romances de Proust: começam com a consciência da culpa e o medo que constrói os nossos infernos, passa por uma história do paraíso, uma busca do paraíso, para acabar numa pergunta: *Que resta então do Paraíso*?, um livro que Delumeau escreveu depois de ter perdido um ente que lhe era muito querido. Os estudos históricos, como a arte, têm alguma crueldade. Mas é essa a sua utilidade. Fazem-nos perder a inocência de falar das coisas como se elas sempre tivessem existido, imutáveis e certas. Descobrimos que as nossas palavras nasceram depois das coisas. Tornamo-nos peregrinos. Por um estranho processo mimético, achamo-nos perdidos, frente a uma gruta, onde só podemos entrar guiados por virgílios ou beatrizes. Isto mo disse também um dia José Rodrigues que queria ser "fazedor de coisas": e "não há artes menores", sublinhou com o sobrolho.

"A meio do caminho" não sei quem me guiará ainda: tantos. Mas sei que uma parte do Paraíso me será sempre mostrada por José Rodrigues. No meio do meu Paraíso, lá andará ele, cerrando os olhos, disfarçado com as vestes de Job. Apontar-me-á a lama de que são feitos os presépios. Os pedaços de madeira perdidos na praia que outrora fizeram parte de um barco. Os pregos velhos com que mataremos cristos. O conforto de um palco forrado a espuma que nos dificulta o andar. As grades que inventamos para não ver. No meio do meu Paraíso, lá andará ele, com o sorriso clássico de um fauno. Apontar-me-á o calcanhar que se levanta do solo e nos faz ver no retrato de um homem o deus alado. O impulso do pé que anda, ou do seio que se oferece. O desejo virgem num corpo que envelhece. O ponto em que a realidade fura o nosso papel na vida. No meio do meu Paraíso, lá andará ele, manso. Com as barbas de S. José. Apontar-me-á a gravidez eterna de quem cria. O pólen que existe no ar tão semelhante que ele é às estrelas que existem no céu. Far-me-á ver as linhas que existem debaixo do papel: as rotas por que tem de passar o lápis. As pequenas ervas, linhas que existem no mapa. E eu ficarei então um pouco mais perto de lá chegar.

Amândio Secca
pres. do Conselho de Administração
da Cooperativa Árvore

"Árvore, árvore. Um dia serei árvore.
Com a maternal cumplicidade do verão.
Que pombos torcazes
anunciam..."
Eugénio de Andrade

Ao José Rodrigues - Meu Amigo

Tendo desaparecido recentemente do nosso convívio, o Escultor José Rodrigues deixou-nos uma sensação de profunda angústia, oscilando entre a saudade pela falta da sua presença e a memória deslumbrante do seu poder criador e da sua extraordinária obra.

José Rodrigues irradiou, sempre com grande entusiasmo, o seu talento pelas várias áreas do saber que ao longo da sua vida abraçou: a escultura em que foi mestre e que segundo Laura Castro "a humanização da cultura e da natureza situa-se entre as problemáticas mais exploradas pelo artista", o desenho em que também foi mestre na senda dos grandes nomes renascentistas, a medalhísticas, e ainda, a cenografia onde criou alguns dos mais originais e conseguidos cenários para peças teatrais.

Era um homem de espírito irrequieto que perseguiu até à morte um sonho: a criação de uma sociedade mais justa, sem violência, em que a cultura fosse uma referência permanente no respeito pela pessoa humana.

Tive o privilégio de, no decorrer de mais de 50 anos, o acompanhar e ser seu amigo.

Desse convívio pude avaliar e admirar não só o seu espírito criador mas também o seu sentido de amizade, que sempre preservou e, finalmente, a sua solidariedade e sentido ético.

Recordo muitas acções culturais com ele partilhadas, das quais me ficaram na memória a concepção e execução de um mural de grande dimensão em trabalho conjunto com Armando Alves, Fernando Oliveira e outros, realizado em 1975 no refeitório da empresa Secca – Construções Metálicas SA, a exposição de obra gráfica levada a Luanda onde verifiquei o carinho com que José Rodrigues era tratado por muitas individualidades daquela cidade e, mais recentemente, a exposição em São Paulo, inaugurada pelo então Presidente da Republica Dr. Jorge Sampaio.

O José Rodrigues era um homem afável e que provocava amizade com muita facilidade.

A Árvore, onde o acompanhei durante a sua vigência como Presidente da Direcção por mais de 30 anos, deve-lhe muito da sua afirmação, e projecção nacional, fruto da sua insistente procura em encontrar caminhos, em que os valores culturais fossem deles balizas marcantes.

A ausência do José Rodrigues deixa-nos a todos, família, amigos e admiradores, um grande vazio, mas a Árvore, de que tanto gostava e da qual foi um dos fundadores, sendo uma casa de virtudes, vai ter a virtude de lançar, em sua memória, um vigoroso ramo a ele dedicado.

Obrigado, Zé Rodrigues, pelos muitos anos de convívio.

Salvato Trigo
reitor da UFP

José Rodrigues: A Arte em Busca do Além

1

"*... há homens negros, homens da minha África, que sofrem. Para mim, Cristo é os homens que sofrem, que sentem a injustiça, a raiva e a impotência perante a agressão ou ante a guerra. Não é ódio, mas talvez a raiva.*" Desta forma simples, no livro **Os Cristos**, editado no ano 2000, para acompanhar a exposição que marcou a inauguração do Centro Cultural Mestre José Rodrigues, em Alfândega da Fé, questionava o artista a transcendência que o inquietou, na parte mais madura da vida e da sua obra plástica.

2

Uma obra marcada pelo imaginário africano, forjado pelos sons, pelos tons, pelas cores e pelos sabores angolanos das picadas dos cafezais de Golungo Alto e das ruas asfaltadas da cidade ou dos caminhos de terra batida dos musseques de Luanda. Uma obra que transportou sempre a nostalgia da África no claro-escuro da sua maneira gostosamente mestiça de olhar para o mundo, fosse ela figurativa ou expressionista, fosse ela prosaica ou poética nas formas e nas expressões dos desenhos, fosse ela de mármore duro, de argila pagãmente moldável ou de barro divinamente inspirado.

3

Uma obra cuja *poiesis* se exprime em viajar consigo e com os outros à procura dum sentido maior e sublime para a vida, incompreensivelmente manchada pela exploração do homem pelo homem e pela ganância que germina as guerras. Os *Cristos* sintetizam essa *poiesis* da busca no *além* desse sentido, impulsionada pela motivação interior do imperativo de consciência com que foram moldados: "*Há dois mil anos, um "certo" homem era pregado com quatro pregos numa cruz. Antes de morrer, ainda encontrou força para gritar: '– Senhor, Senhor, por que me abandonastes?' Não conheço na História da Humanidade momento de maior solidão, e duvido que o possa vir a descobrir. O que aqui se mostra são tentativas para encontrar um rosto para este grito – grito que encheu o meu ateliê durante dois anos. Foi uma grande viagem comigo e com os outros.*"

4

Foi nessa viagem de si com os outros de que José Rodrigues fez a sua vida profissional e cívica, sentindo-se possuído por "*todos os que lutaram pela justiça*" e profundamente irmanado com todos os que, como ele, quiseram e querem construir uma lusofonia baseada no respeito pela liberdade e pela independência dos povos que, da Europa à África, da América Latina à Ásia, falam idiomaticamente a língua portuguesa.

5

A viagem chegou ao fim, ficando-nos a memória amiga de um companheiro generoso e solidário que plantou a sua Árvore no Passeio das Virtudes, antes de resgatar à história o Convento de San Paio, no cimo do Monte dos Cervos, para se alcandorar a um discurso mais contemplativo e prenhe dum silêncio que coava o imaginário cântico gregoriano dos frades que, pela oração, buscavam, em seu tempo, a mesma transcendência procurada agora pelo artista que para aí foi do Porto e por aí estanciou até regressar ao Porto, para o resgate da Fábrica Social para uma Fundação, onde todos os amantes da cultura e da arte, mas especialmente os artistas jovens, honrarão o seu nome e a grandeza do seu espírito.

6

A cultura portuguesa enriqueceu a sua galeria de símbolos, por isso nós compreendemos e suportamos a ausência de um amigo, José Rodrigues, que foi acompanhar o Mestre!

Albano Martins
poeta

Na morte de José Rodrigues: uma página de diário

Funeral do escultor José Rodrigues, que ontem nos deixou. Inesperadamente, ao menos para mim, que o considerava – e considero – imorredouro. No cartão que acompanhava o ramo de "flores orvalhadas" (a expressão é do poeta Lêdo Ivo) encomendadas pela Kay e deixadas sobre a urna, escrevi : "A tua arte, José, estará sempre connosco – no nosso coração, que é onde tu estarás sempre também".
Fizemos algumas coisas juntos, a última das quais O caroço, que afinal não chegou a ver. Não estivesse já selada a urna onde o seu corpo jazia, teria furtivamente nela introduzido um exemplar do nosso livrinho para que ele o levasse consigo e lesse durante a viagem. Que esta, ao que consta, será longa e sem retorno...
Quando, em 1988, foi lançado o Vertical o desejo, teve este comentário dirigido a minha mulher: "Eu e o Albano fazemos uma bela parelha". Fizemos, sim. Os desenhos – os seus – que servem de ilustração (quer dizer, de iluminação) aos meus poemas são disso a clara demonstração. Mas a nossa parelha renovou-se, anos depois, com a edição do Cântico dos cânticos e, um pouco mais tarde, com os Três poemas de amor seguidos de livro quarto.
No texto que, em 2011, escrevi para o catálogo da Bienal de Cerveira, que lhe era dedicada, chamei-lhe – lembram-se? – "patriarca". Quem duvida de que ele, com a sua postura masculina e as suas barbas de respeitável ancião, era realmente um patriarca? Penso entretanto que, além de patriarca, o José Rodrigues era um mago. Fascinado pelo corpo feminino, esboçou, no bronze e no papel, imagens deslumbrantes da mulher, deixando a descoberto o que no corpo feminino há de esplendoroso e de sublime. Ou, dizendo de outro modo: pondo a nu a sensualidade das formas, os seus contornos, os seus ângulos e recessos.
À Bíblia, às suas emblemáticas figuras femininas e à história de Cristo – em particular, ao Cristo crucificado – foi o José buscar, em determinado momento, a temática para as suas peças escultóricas. É o outro lado do humano que assim o convoca e subjuga. Tocado pelos enigmas da existência – onde quer que eles estejam, assumam as formas que assumirem, tenham o significado que tiverem –, é ao seu serviço que estão colocadas as ferramentas da arte e do engenho. É a busca da dor e do seu sentido universal que persegue o artista. Ele sabe, aliás, desde sempre, que a arte é um compromisso com a vida. Ou, como também sabe, não será arte. Ou não resistirá como tal.
Hoje é dia de finados. Os sinos dobram, não lá fora, no alto das torres, mas cá dentro, dentro de nós, que é onde eles, os sinos, dobram quando morre um amigo. Quando morre um artista e um poeta. Que tudo isso foi – que tudo isso é – o escultor José Rodrigues.

Nuno Higino
editor e poeta

Meu amigo José Rodrigues:

Julgo que dessa distância infinita que acabas de alcançar, nos olhas aqui, neste lugar difícil de frequentar, reunidos à volta da tua figura que começa a apagar-se, a transformar-se em memória, memória apenas, lâmpada de névoa.
Queria dizer-te que a memória é pouco. Falta-nos a tua presença viva, a tua inquietude, a tua vontade de mudar o mundo, a tua hospitalidade, as tuas mãos a romper entre o barro. Imagino os teus olhos, agora clareados pelo sal incorruptível da eternidade, serenos, discernentes, a olhar o mundo com imensa saudade. Só quem amou o mundo pode ter saudades do mundo. Tu amaste o mundo, Zé. Amaste-o na sua grandeza e nas suas misérias. E amassaste grandeza e miséria com o mesmo barro humilde das tuas mãos.
Tiveste que ir embora e não podemos levar-te a mal. Estavas cansado destas névoas paradas, sonolentas, frias, cada vez mais frias, inclementes. O teu corpo deixou de suportar as tubarias que queriam prender-te a uma vida despida da alegria, da decência de viver. Elas já nada podiam prender. Nem tu foste jamais homem de prisões. 'Despeço-me da terra da alegria', recordas-te, Zé, desse verso último, desse título, doutro dos teus amigos que também se libertou das mesmas ataduras de que tu te libertaste?
Dizemos-te 'adeus', mas não sabemos muito bem o que queremos dizer. Afastamos ramagens com as mãos, mas nada vemos. Apressamos o passo, mas a tua passada tornou-se inalcançável. Temos muitas vozes na cabeça, mas nenhuma delas é a tua voz. Damos murros no peito para que o coração compreenda, mas o coração deixou de compreender.
Continuaremos por cá, Zé, herdeiros da tua alegria. A Lindinha a amparar-te o braço, a guiar-te pelas fábricas da saudade. As tuas filhas a guiar-te também para que não tropeces em alguma pedra. Os teus irmãos, incluindo o Alfredo Vieira, teu irmão chegado, a puxarem-te para dentro, para o aconchego da memória. Os teus netos a crescer, a subir pelo tronco trabalhoso da recordação. Também os dois que estão para chegar, que tos dá a Joana, hão-de olhar para cima, para esse pedacinho de nuvem onde acabas de te sentar. Descansa, Zé, nesse lugar alto. E quando estiveres cansado de olhar, desenha anjas com o dedo pela imensidão do céu. E nas manhãs mais limpas do mundo que nos resta, levantaremos os olhos e teremos a certeza de que és tu. E sorriremos.
Há um certo judaísmo nos trabalhos que nos deixas, um sentimento de espera. Tu mesmo o disseste numa das últimas entrevistas: 'Eu estou à espera'. Nesse mesmo lugar disseste ainda: 'Sou uma figura do Velho Testamento'. Sabes o que diziam os judeus quando partiam, antes duma longa viagem, incluindo a viagem interminável da morte? 'Vemo-nos em Sião'. É isso, Zé: 'Vemo-nos em Sião'.
Descansa em paz!

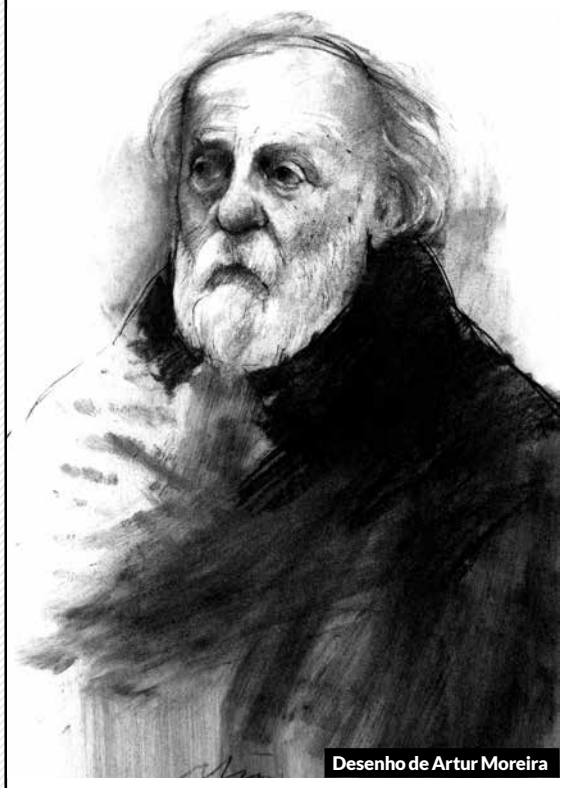
Ilda Figueiredo
presidente da Direcção do CPPC;
vereadora na Câmara
de Viana do Castelo

Ode a José Rodrigues

Da pedra, do barro, do gesso, a ternura nascia depois da peleja
e o rosto suave da anja irradia a paz desejada:
papagaios ao vento nos sorrisos de criança
balões no céu em noite de magia
que o S. João inebria
no cubo da Ribeira.

Da inquietação que os dedos expressavam
no desenho permanente
de gesto firme como o grito da liberdade,
que a chaminé da fábrica soltou
em noite de lua negra,
ficou o registo da luta
e da solidariedade
de quem exprime sonhos ancestrais
da humanidade.

Na montanha, a silhueta do cervo
encanta o vento em noites de céu estrelado
e o preito ao artista ergue-se no hino de pólen
que acaricia a pele dos visitantes de Cerveira
e encanta no convento de Sampaio
qual flauta de Mozart no milagre da criação
do homem crucificado ou do nu feminino:
magia da voz no turbilhão
de emoções e valores sublimes expressos
na flor da verdade que a terra acolhe
e entoa na obra do artista solidário.



Desenho de Artur Moreira

Fernando Nogueira
presidente da Câmara Municipal
de Vila Nova de Cerveira

Gratidão

O sucesso do epíteto 'Cerveira, Vila das Artes', reconhecido nacional e internacionalmente, tem rostos e um deles é indubitavelmente o Mestre José Rodrigues, enquanto prestigiado artista, bom homem e grande amigo. Três grandiosas virtudes numa só pessoa, apaixonada pela vida e pela liberdade artística.

De uma interatividade muito popular, o Mestre José Rodrigues facilmente se encontrava rodeado de amigos, e Vila Nova de Cerveira e as suas gentes orgulhosamente integraram o seu círculo de amizades. A ligação artística e pessoal a Cerveira remonta à década de 70, tendo sido um dos propulsores das bienais internacionais de Arte de Vila Nova de Cerveira, um dos sócios-fundadores da Fundação Bienal de Arte de Cerveira e o visionário de um futuro digno ao Convento de S. Paio.

Cerveira, 'Vila das Artes', respira arte e cultura em cada esquina, e os milhares de turistas têm o privilégio de contactar e tocar José Rodrigues, através de um valioso legado deixado ao Município. Esta é uma outra caraterística peculiar que não pode ser esquecida, a sua verdadeira paixão pela arte, desprendida da vertente comercial.

Com um vasto e rico currículo de âmbito nacional e internacional, o multifacetado José Rodrigues é reconhecido pelas suas inúmeras esculturas públicas, sendo o autor de três símbolos escultóricos que embelezam Vila Nova de Cerveira: "O Cervo", imponente escultura que se encontra no Monte da Encarnação e que todos associam à 'Vila das Artes'; o "Esforço", que se encontra junto ao centro da vila; e as "Navegações" na margem do rio Minho.

Apaixonado pela arte e pela natureza, foi em Vila Nova de Cerveira que encontrou essa harmoniosa interação. Em 1974, deu-se o 'encantamento', como o próprio assim definiu, pelo Convento S. Paio, datado do séc. XIV e abandonado em meados do séc. XIX. José Rodrigues tinha encontrado o seu refúgio.

Desde que conheceu aquele monumento em ruínas, o escultor sentia que tinha vida e sabia como a devolver, e assim avançou uma recuperação, a partir do estudo do arquiteto e amigo Viana de Lima, mantendo a dignidade e parte da traça original. O espaço passou a ser a residência da família e o seu atelier. Mas o ser apenas 'seu', não fazia sentido e, desde o início, o Mestre José Rodrigues tinha a certeza que aquele espaço não podia ficar fechado.

Graças à vontade, à visão e ao altruísmo de José Rodrigues, Vila Nova de Cerveira viu nascer um verdadeiro museu, quer pela arquitetura conventual e de franciscanismo, quer por ter sido transformado numa galeria de arte. De portas abertas ao público, a visita ao Convento S. Paio é uma viagem pela vida e obra do Mestre José Rodrigues, desde os jardins ao interior do monumento, podendo contactar com as obras do escultor e com a coleção particular de vivências dos locais por onde passou. Colocou este espaço ao serviço da cultura, dos cerveirenses e do público em geral, apresentando-se como um ex-libris da cultura do concelho.

Pela dedicação e ligação íntima ao concelho, e pelo respeito e amizade às suas gentes, o Mestre José Rodrigues ficará para sempre ligado à história de Vila Nova de Cerveira, e tudo faremos para que o seu trabalho seja preservado e reconhecido pelas gerações vindouras.

É um orgulho e um privilégio testemunhar tanto talento e humanismo, e a 'Vila das Artes' ficará eternamente grata.

PUB

BPI SENIORES 2016

PROJECTOS VENCEDORES

O Prémio BPI Seniores distingue projectos que promovem a melhoria da qualidade de vida e o envelhecimento activo de pessoas com mais de 65 anos. Na 4ª edição, o BPI Seniores registou 548 candidaturas e o Júri distinguiu 29 projectos de instituições privadas sem fins lucrativos, atribuindo um donativo total de € 600.000, mais € 100.000 do que inicialmente previsto.

O BPI agradece o trabalho do Júri de selecção e a participação de todas as instituições que se candidataram, que são o testemunho do interesse gerado por esta iniciativa, que irá repetir-se em 2017. A todos os premiados, as mais vivas felicitações e os votos de bom sucesso para os seus projectos.

1º Prémio

Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de Torres Vedras	Torres Vedras	€ 15.954
Associação de Socorros Mútuos - Mutualista Covilhanense	Covilhã	€ 28.412

Menções Honrosas

CAOVIDA Club	Porto	€ 13.996
Atlas - Associação de Cooperação para o Desenvolvimento	Coimbra	€ 24.658
Centro Social Paroquial Nª Sª da Oliveira de Fajã de Cima	Ponta Delgada	€ 49.236
Santa Casa da Misericórdia de Pombal	Pombal	€ 26.624
Associação Cura+	Porto	€ 1.600
Santa Casa da Misericórdia de Macedo de Cavaleiros	Macedo de Cavaleiros	€ 34.945
ASCREDNO - Associação Social, Cultural, Recreativa e Desportiva de Nogueiró	Braga	€ 25.400
Fundação de Aurélio Amaro Diniz	Oliveira do Hospital	€ 18.275
Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de Braga	Braga	€ 9.094
Santa Casa da Misericórdia da Vila de Óbidos	Óbidos	€ 11.373
Centro Social Paroquial da Vera Cruz	Aveiro	€ 41.119
Orquestra da Costa Atlântica - Associação de Música e Cultura	Esposende	€ 21.443
Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta	Freixo de Espada à Cinta	€ 30.868
Centro Paroquial de Solidariedade Social da Freguesia de Verride	Montemor-O-Velho	€ 11.073
Associação de Assistência Nossa Senhora das Candeias	Peso da Régua	€ 17.660
Centro Solidariedade e Cultura de Peniche	Peniche	€ 10.728
Cáritas Paroquial de Vilar	Cadaval	€ 3.262
Santa Casa da Misericórdia de Redondo	Redondo	€ 25.390
Centro Social e Cultural Nossa Senhora do Ó de Aguim	Anadia	€ 20.690
Centro Paroquial e Social do Salvador	Beja	€ 19.245
Santa Casa da Misericórdia de Evoramonte	Estremoz	€ 8.770
Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Luz	Beja	€ 5.354
Centro Paroquial de Seia	Seia	€ 33.375
Centro Sócio-Cultural e Desportivo de Sande S. Clemente	Guimarães	€ 20.179
Centro Social Paroquial de S. Silvestre do Gradil	Mafra	€ 11.833
Mãe de Deus - Associação de Solidariedade Social	Ponta Delgada	€ 21.020
Centro Social Paroquial São Maximiliano Kolbe	Lisboa	€ 38.424

Para mais informações visite www.bancobpi.pt

Armando Alves
artista plástico

A arte - a vida - a amizade

O tempo vai levando aos poucos cada um de nós. É assim, já o sabemos. Mas o coração aperta-se sempre que parte um amigo.

Com o Zé, foram muitos anos desde que nos conhecemos, nos anos 50, quando cheguei ao Porto para frequentar as Belas Artes, até ao último encontro, na Fábrica Social na companhia do nosso amigo Jorge Pinheiro.

Descobrimos em conjunto muitas coisas nos caminhos da arte e da vida. Na Escola de Belas Artes tivemos uma actividade intensa. Aprendemos muito com alguns professores sob a superior direcção do Mestre Carlos Ramos. Ainda como alunos contribuímos para o reconhecimento da escola no exterior, como aconteceu com a criação das "exposições extra escolares".

Mas cá fora, o pequeno atelier de Passos Manuel, foi o lugar onde aprofundámos o que íamos aprendendo na escola. Contribuímos para a criação da "Árvore" e constituímos um grupo, com o Jorge Pinheiro e o Ângelo, para ajudar a sair do marasmo que se vivia na época e para afirmar a ideia de que unidos éramos mais fortes.

Participámos com outros amigos em colóquios e exposições, nas tertúlias do Majestic e do Tijuca que normalmente acabavam com grandes caminhadas à descoberta do Porto.

Resta agora a enorme saudade e a recordação de uma amizade forte e verdadeira.

Isabel Saraiva
artista plástica

O voo da libelinha
no espelho de águas cristalinas
- a palavra torna-se segredo

Isabel Saraiva

A palavra torna-se segredo

É verdade!

A primeira imagem quando recordo o Mestre, Professor e amigo José Rodrigues, uma frase me ecoa no meu âmago: "Uma mulher do meu tempo".

Sim. Esta era a maneira que o Zé Rodrigues sempre me tratou. Raramente me chamava pelo meu nome, mas este pequeno "mimo" era o nosso segredo.

Claro que me recordo das manhãs frias quando ele chegava às aulas sempre pontual e saudava os alunos de igual forma, calorosa e em tom familiar. Com o seu olhar perspicaz e profundo dava as suas diretrizes.

Tantas e tantas vezes, arregaçava as mangas e metia as mãos no barro gélido que se tornava rapidamente quente pelo poder da síntese e de destreza do manejo do barro.

Era aliciante vê-lo trabalhar num silêncio dialogante com os trabalhos dos alunos.

Para mim sempre foi uma honra sentir as suas mãos no meu trabalho de barro.

A sua magia fazia crescer outra magia, a de novos rumos na obra que estava a ser concebida.

Estas recordações de um Mestre que se entrega sem restrições em prol dos alunos para que estes possam crescer e florir mais tarde, alimentam-me a alma.

Quando fui gentilmente convidada para expor na Reitoria da UP, querendo partilhar o espaço, o meu coração levou-me de imediato ao grande Mestre e amigo José Rodrigues.

Assim aconteceu. Expusemos juntos.

Nessa exposição surgiu um coração da minha autoria que simbolizou o meu e o do Mestre e uma Anja por ele projetada que é uma proteção do Divino.

Numa manhã ainda de verão, a Anja e uma libelinha entraram pela janela e transportaram-no para além do arco-íris...

Saudade, sussurra-te "uma mulher do teu tempo".

Manuela Mendes da Silva
artista plástica

"Um olhar místico"

Há frases que nos acompanham a vida toda, observações que na altura não nos terão tocado muito, mas se revelaram por anos e anos um motivo de enlevo e recordação de tempos antigos, vividos com a emoção dos 18 anos e com o encantamento da descoberta das artes nas suas variadas expressões.

Foi numa aula do escultor Mestre José Rodrigues em que cada aluno fazia a modelagem em barro da cabeça de um colega. Quando o Mestre passou pela que fazia o meu retrato disse: "Repara no teu modelo, nestes olhos, há um olhar místico que tens de captar" e com um pequeno gesto de mãos corrigiu o barro.

Mas não foi só isso que me ficou, o Mestre sempre que me encontrava, mesmo nestes últimos anos, virava-se para a sua mulher, Deolinda, e dizia-me: "Estou a ver um bocado mal, mas a ti vejo-te sempre", ao que eu respondia "será por eu ter olhos grandes".

Agora já não poderei ouvir o que foi meu professor de escultura no 1.º ano, em que a disciplina era comum aos alunos de pintura e escultura nas Belas Artes.

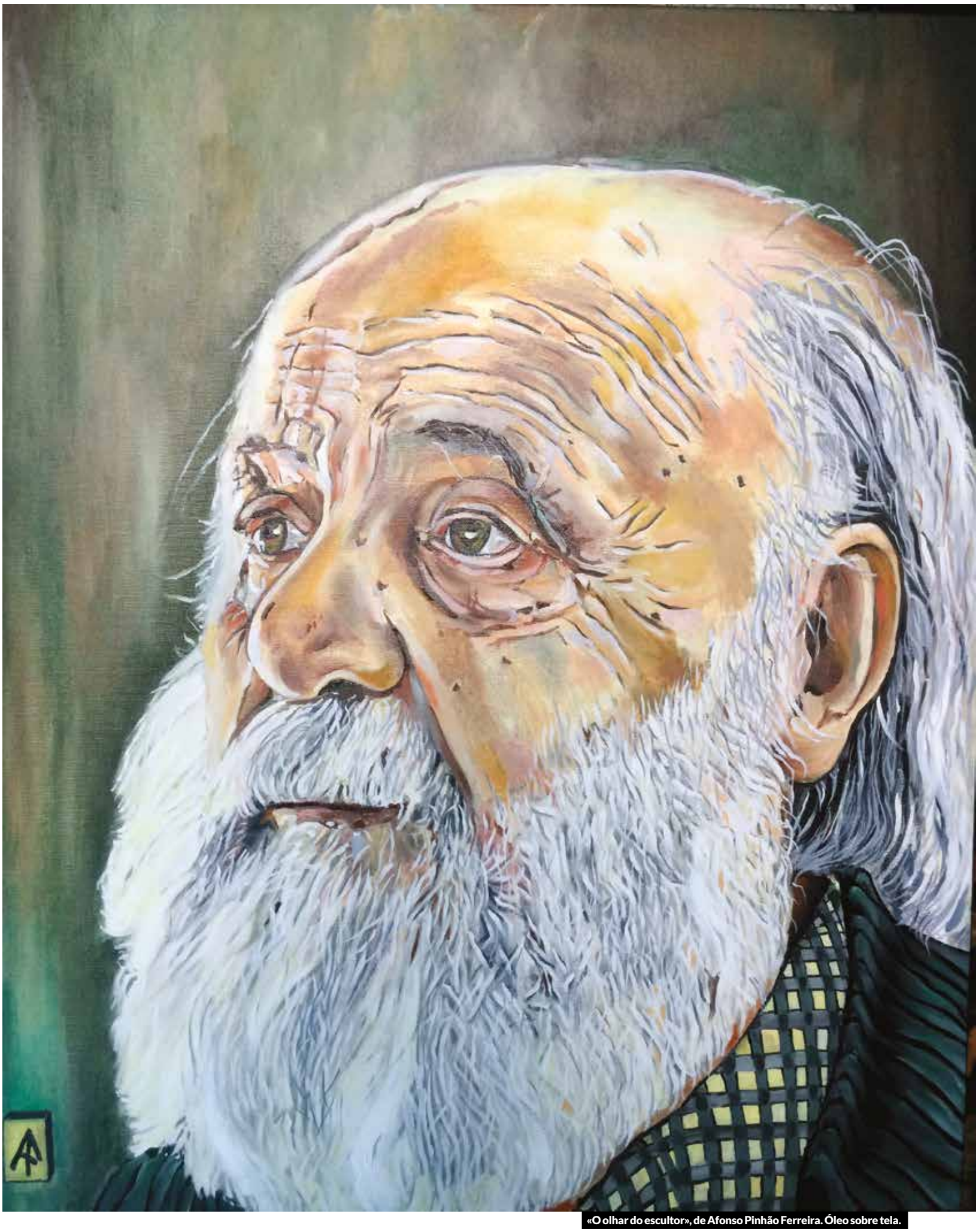
Ficará enquanto eu viver, associado à memória deste extraordinário professor, este pequeno episódio que me revelou que o captar de um pequeno pormenor é muitas vezes a essência de uma obra de arte.

Para o José Rodrigues
Este "Horizonte Inacabado" do Zulmiro.

«Horizonte Inacabado», de Zulmiro de Carvalho, 2016. 50x40. Grafite sobre cartolina

PUB

1–6
NOV 2016 · PORTO
WWW.FORUMOFTHEFUTURE.COM
'LIGAÇÕES'
fórum
do Futuro
RIVOLI
CASA DA MÚSICA
TNSJ
SERRALVES
Porto.



«O olhar do escultor», de Afonso Pinhão Ferreira. Óleo sobre tela.

Luísa Gonçalves
artista plástica; directora e coordenadora do Departamento de Cursos da Cooperativa Árvore

Cumplicidade

Ele entrou na sala de escultura, roupa preta, barbas negras, olhar interrogativo.
Percorreu em silêncio todos os cavaletes olhando os trabalhos em curso, parou:
- Luísa, isso é engenhoso mas não será uma forma de contornar o exercício?
- Mestre, não pediu que fizéssemos uma esfera? É isso que estou a fazer, esta ferramenta que construí, é apenas um auxiliar, não resolve nada sozinha.
Resmungou: Pois, muito inteligente.
Afastou-se depois de me dirigir um olhar fixo e penetrante como quem diz:
- Não te esqueço.
Foi assim o meu primeiro encontro com aquele que viria a ser uma referência, o mestre, o amigo, anos e anos de cumplicidade de afectos e de profissão.
Ambos tínhamos uma paixão, o Desenho.
A exposição de desenhos que o José Rodrigues fez na Galeria 111 no Porto, nos anos 60, foi a confirmação de que o universo conceptual e plástico em que ele se movia tinha tudo a ver com as minhas inquietações, dúvidas e poucas certezas.
Enquanto professor, tinha uma forma de chegar a nós ou pelo menos a mim, que nem sempre se manifestava de um modo directo.
Olhava-me com aquele olhar que me despia a alma e muitas vezes afastava-se sem nada dizer. Ele intuía o momento em que devia intervir, talvez vendo o estado do trabalho, o desespero, a frustração nos meus olhos. Tínhamos então longas conversas em que falávamos das nossas experiências de desenho, do que era o nosso entendimento de Arte e das causas, que em cada momento da história do ser humano, motivavam o aparecimento daquelas manifestações, as suas formas e conceitos.
Um dia, no último ano do curso, estava desesperada por não conseguir encontrar o que procurava, mesmo sem saber o que era. Só uma certeza era pelo Desenho.
Esse desespero, para além da frustração inerente à busca incessante de nós, tinha também a ver com o sentido de responsabilidade que assumi pelo facto de estar no último ano do curso de Escultura e ter apresentado, no início do ano, uma proposta para o primeiro semestre em que trabalhava apenas em Desenho.
Quem defendeu essa proposta e fez com que fosse aceite pelos restantes professores?
O mestre José Rodrigues.
Lembro-me que chorei, pedi-lhe desculpa. Ele com toda a calma e depois de uma longa conversa, disse-me uma coisa que ficou registada para toda a vida e que, muitas vezes, mais tarde, transmiti em iguais situações, aos meus próprios alunos.
Luísa, estes desenhos que tens aqui, são maus, tens razão, mas a distância que vai de um mau para um bom desenho pode ser só de uns minutos, de umas horas, de um dia.
Esquece o que procuras, vai para casa, passa no jardim e deixa-te ser encontrada por uma folha caída no chão, a luz que passa por entre o arvoredo e amanhã regressa e pode ser que te encontres.
E foi verdade, ao outro dia comecei um desenho de uma folha de nespereira e quando ele chegou, fez-me continuar o desenho na frente dele, porque apesar das suas palavras o que estava a ver o deixava em dúvida.
Solidário, envolvente, partilhava as suas frustrações.
Tinha uma frase que dizia nos dias maus: - Hoje desci aos infernos!
Envolvia alguns dos seus discípulos na pesquisa formal de esculturas públicas que lhe tinham sido encomendadas. Falava do conceito e da forma que pretendia desenvolver e pedia-nos que, dentro daquelas condicionantes, fossemos livres e audazes.
Era uma forma inovadora de partilhar experiência, de levantar questões, de ensinar.
O teatro era outra das suas paixões e claro que acabei por me envolver nela.
A tese que tive que apresentar para conclusão da licenciatura, era um teatro de sombras que desde o princípio acompanhou, disponibilizando o seu atelier para que pudesse construir e realizar os ensaios necessários. Um ano durou a elaboração e concretização do teatro.
Mais tarde, e ao longo de vários anos, tentou que eu fizesse a apresentação pública do teatro. A última vez foi em 2001 no âmbito do Porto Capital da Cultura.
Não se concretizou esse seu desejo, mas sempre que me apresentava a alguém falava do meu teatro de sombras.
Pela sua mão me fiz sócia da Árvore em 1972. Mais tarde, nos anos 90, integrou-me na sua lista para os corpos sociais da cooperativa e em 2003, fui convidada por ele a dirigir e coordenar o departamento de cursos, cargo que ainda hoje desempenho.
Agora que já não o posso ver, projecto num ecrã luminoso um filme em looping de todas as memórias que tenho dele: as suas palavras, gestos, risos, os desenhos à mesa do café, o entusiasmo das suas histórias, as conversas, os projectos, os desencantos e encantos, a cumplicidade que nos uniu em muitos momentos da nossa vida.
O José Rodrigues não desapareceu, foi apenas fazer desenhos, teatro e amigos para uma outra dimensão.

Castro Guedes
encenador; castroguedes9@gmail.com

Uma mensagem para transmitir ao Mestre José Rodrigues

Desculpa, Zé, não ter podido ir aí. Mas também não me parece que isso tenha grande importância. Estou a ver o teu rosto no fundo do arco-íris que pintaste no Céu para deleite do Criador. Soube, porque nos disseste, que uma Anja há muito te visitava. Nunca nos revelaste pormenores. Mas agora compreendi que era ela quem transportava o barro e pedra com que ias moldando a encomenda que Ele te fizera. E resolveste, finalizada a Obra, ir-lha entregar pessoalmente. A única chatice é que, segundo se diz, quem lá vai já não quer voltar. Parece que aquilo é mesmo magnífico. Também não admira. Ele sabe rodear-se dos melhores. A chatice é para nós, os que ainda por cá ficamos, porque deixamos de poder fruir da tua companhia generosa e da Beleza que nos emprestavas. Mas também estou certo que Ele sempre soube compreender e sentir melhor o talhe do que te saía das mãos. Parece-me, portanto, justo que Lhe caiba o direito à Arte final que realizas na Imortalidade. Por cá ficaremos mais um tempo na fímbria da capa do que nos deixaste em coisa feita.
Ah, e desculpa, Zé: se nos quiseres dizer alguma coisa, sorri lá outra vez do fundo do teu arco-íris. Os que te merecem saberão vê-lo. E não te maço mais. Não temos o direito de te gastar mais tempo. Foi muito o que nos deste e mais será aquele a que terás direito doravante.

Helena AM Pereira
museóloga

José Rodrigues e as ruturas na escultura

A obra de José Rodrigues desenvolve-se em várias áreas, entre as quais a escultura, o desenho, a cenografia, a medalhística, a cerâmica, a gravura ou a ilustração. À diversidade de propostas e de divagações criativas, coma-se a geografia de uma história de vida que começa em Luanda (Angola), que cresce em Alfândega da Fé, que se encontra irremediavelmente ligada ao Porto e a Vila Nova de Cerveira. Há ainda o Oriente que chega pelas viagens.

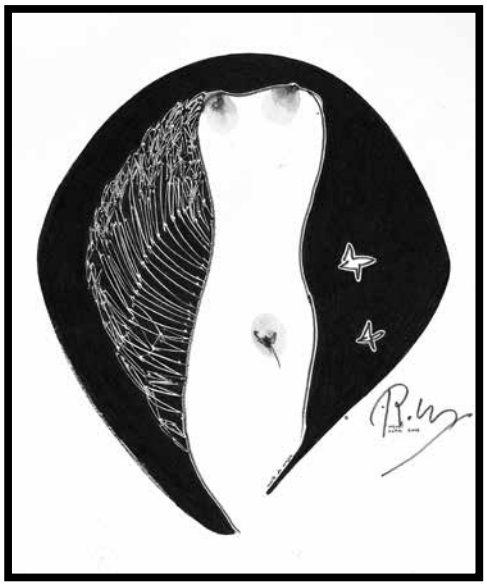
Em 1963 já havia terminado a sua formação académica na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, com vinte valores. Nesse mesmo ano inicia funções como docente e cria, com um grupo de outros artistas e intelectuais da cidade a Cooperativa Árvore, que tinha como primeiro objetivo promover alternativas no ensino artístico, sobretudo alternativas às escolas de Belas-Artes, de primor académico e pouco adeptas dos ventos de vanguarda que, aos poucos chegavam a Portugal. A Cooperativa Árvore criou cursos totalmente inovadores face à época, muito fundamentados no ensinamento das escolas Bauhaus e Waldorf. José Rodrigues viria a ser presidente da Cooperativa Árvore durante 32 anos, ou seja, de 1963 a 1995, deixando marca indelével na instituição.

Entre 1968 e 1974, o contexto é o de grandes alterações políticas e sociológicas que assistiram ao chamado período marcelista. O meio artístico português vive tempos de grande atribulação resultantes do ritmo alucinante se sucessão de acontecimentos artísticos. A década de 60 beneficiou, em larga escala, do esforço mecenático da Fundação Calouste Gulbenkian, através do seu programa de atribuição de bolsas, que originou uma pequena lufada de ar fresco na pequena comunidade artística portuguesa. O final dos anos 60 e início dos anos 70 corresponde ao regresso de muitos desses bolseiros e ao redesenhar de uma nova conjuntura. É nesse contexto que surgem os "Quatro Vintes". Os anos 70 serão assim de reflexão sobre as práticas artísticas. A escultura apresenta ruturas e a de José Rodrigues também – o que tem que ver com a arte conceptual, com a necessidade de a própria disciplina se questionar, usando os próprios meios. Muitos dos seus trabalhos nascem de um confronto entre a materialidade e a desmaterialização, ou seja, a fragilização da peça ao ponto de esta quase se desfazer no ar. Por um lado, têm massa e presença física, por outro os vários materiais parecem torná-la puro desenho no ar. Há um cinetismo que se contrapõe à própria parte estática e estável da peça e, se a peça está ao ar livre, de facto, ondula ao vento (exemplo d' "O Esforço", em Vila Nova de Cerveira). José Rodrigues cria uma relação completamente nova com o espaço e com o observador. Isto é notório tanto mas esculturas lineares de varão de ferro, como nas chapas recortadas. Os elementos cinéticos que introduz permitem várias leituras da própria peça e as esculturas com pêndulo, por exemplo, acabam por ser sugestões de corpos, figuras antropomórficas. Em José Rodrigues cada escultura é uma inquietação, um problema por resolver e é nessa provocação que está a génese do artista.

«Desenho, carvão», de Artur Moreira

Raquel Rocha
artista plástica

Celebração



Conheci o Mestre José Rodrigues em 2012, num almoço na sua Fundação. Confesso que pouco conversámos nesse dia, devido à minha timidez. No entanto, o meu respeito, a minha atenção e curiosidade desmedida foram avançando neste espaço de tempo, já sem vergonha e hesitação, dando a oportunidade de o conhecer melhor, bem como o seu percurso artístico, originando um despertar e o reconhecer de linhas que me rodeavam, prendendo o meu olhar para este encontro de um plano futuro.
Um dia, desafiei o Mestre para algo que nenhum de nós, alguma vez, tinha realizado. Apesar da sua fragilidade, o gosto por novos desafios era notoriamente maior. Como tal, não hesitou. Partimos juntos há quase dois anos por um prazer comum de um gesto puro e primitivo de clara simplicidade, desencadeando assim um desenho intimista que largou na linha e na mancha uma segredada gama ínfima de vestígios de cumplicidade, transformando o riscar num acontecimento único, irrepetível e emblemático, que despe sob os olhares a nossa paixão obsessiva, pois apanham pela raiz a expressão direta dos nossos gestos em ecos de linhas que se envolvem e desenvolvem no lugar do conhecimento, da precisão, e mais do que nunca, da afetividade e do sentimento, onde o Amor nasce, vive e se multiplica, em celebração às vontades impossíveis de adormecer.
Nos nossos silêncios sempre permaneceu o gozo da continuidade, onde o Mestre – generosamente – abriu o espaço, acolhendo e iluminando o caminho do prazer de desenhar, onde a troca de olhares era determinante na sua execução. Nunca esquecerei que, num clima de admiração, respeito e ternura por um domínio fluido, liberto dos constrangimentos da razão os nossos traços sacros fundiram-se e jamais se separarão. Foram horas inacreditáveis de honrosos momentos. Foi divinal!
Até sempre, Mestre!

Gomes Fernandes
arquitecto

José Rodrigues - A Sensualidade Mística

1
Conservo de José Rodrigues a imagem forte e esteticamente inovadora do "Guardador do Sol", peça que lhe conferiu o 20 de saída da ESBAP e fez integrar essa "geração de ouro" dos 4 vintes, com Ângelo de Sousa, o primeiro a partir, e Armando Alves e Jorge Pinheiro, ainda entre nós e activos;

2
Conservo também dele a visão inovadora do movimento fundador da Árvore, cooperativa artística de fundamental importância na cultura portuense, que liderou e de que foi particular referência e garante de qualidade por várias décadas;

3
Conservo ainda de José Rodrigues o fulgor dos animados debates à "mesa das tripas do Correia", tertúlia gastronómica que sabia saborear este mítico prato portuense e adorná-lo das subtilezas criativas que iam do desenho do próprio nos guardanapos de papel, depois oferecidos aos amigos, até ao teatro e à acidez da análise política, valores que hoje se começam a perder;

4
Conservo também dele a imagem de um belo desenho do S. João, que fui desencantar nas profundezas dum arquivo municipal e fiz subir a lugar de destaque no "meu" gabinete, em princípios de 90, quando tive responsabilidades autárquicas no Porto e que, creio, se mantém ainda no mesmo lugar;

5
Conservo do mesmo modo a imagem da "Anja" que o Cruarb lhe encomendou para o espaço do "antigo mercado do Anjo", no triângulo urbano entre a Universidade, os Clérigos e as Carmelitas, posteriormente roubada e destruída e o dito triângulo alterado na sua funcionalidade;

6
Conservo igualmente o momento de fulgoroso atrevimento com que criou o "monumento ao empresário", na altura contestado por alguns, por "sair fora" da sua linha de produção, tal como o "cubo da Ribeira", mas que afirmava a sua criatividade eclética e agora a Câmara se comprometeu, e bem, a reabilitar;

7
Conservo finalmente a presença dele lá por casa, em desenhos e algumas peças de bronze, com destaque para uma Anja de indubitável beleza, que me olha todos os dias.
Falar de José Rodrigues (JR), o Artista e o Amigo, é difícil, mas, simultaneamente, fácil e apaixonante. Ele era um homem de paixões fortes e generosas, que espalhavam desassossego na sua alma criativa e assumiam a inquietude interrogativa da sensualidade mística que nos causava perplexidade e admiração. S. João Baptista e Salomé são figuras que apropriou dos textos bíblicos e que adquiriram no desenho e na forma do bronze uma dimensão de profanidade sensual que tornavam palpável a Beleza e conferiam sentido ao Religioso.
JR era um Artista de profunda fé na Vida, esperança no Homem e generosidade nos afectos, que cultivava a Amizade e não cedia nas suas convicções. Figura telúrica arrancada à imensidão das terras de Angola, fez do Porto a sua cidade e de Portugal a plataforma para olhar o Mundo e se enraizar nele, onde sabia que ia ficar para a Eternidade, porque "do pó vieste e ao pó voltarás", para alimentar a Luz desse Oriente Eterno onde gostaria que nos reencontrássemos, bom e saudoso Amigo.

Maria Leonor Barbosa Soares
prof. auxiliar UP

Como se habitasse um chapéu que vagueia *no* vento

Como se habitasse um chapéu que vagueia *no* vento... em cumplicidade com o vento, usufruindo aproximações e distanciamentos inesperados, inflexões não previstas, abrandamentos de velocidade, voos invertidos... é uma imagem/viagem que corresponde às lições mais marcantes de José Rodrigues, na minha circunstância de estudante da sua Obra em contexto académico: o acolhimento de cada momento como confluência de diversos tempos, respirando com igual intensidade as diversas *atmosferas*, surgimentos e desvanecimentos, e o despojamento de filtros prévios organizadores de sentidos. Sentindo a experiência de vaguear, poderei, agora, aproximar-me da atitude multidireccionada de José Rodrigues que se desdobrou como recetor atento de todas as sensações, alheio a moderações e ponderações convencionadas. Fez disso ferramenta e um campo experimental para se compreender. Deixou-se arrebatar, permitiu-se ser contraditório sem se intimidar, desembaraçou-se de reservas – identificou-se e aceitou-se como *ser-emoção*. Admitiu-se agarrar intuições e cuidar das partículas dos sentimentos. Deslocou cisões e incompatibilidades para narrativas-lugares de afetos.

Neste sentido, *ser humano* (em abordagens que entrelaçam desde perceções sensoriais à autoanálise) seria o tema fundamental em todo o percurso. Está presente:

- em descrições ou configurações sintetizadoras, em escultura, apoiadas em tratamentos expressionistas e informalistas (*Guardador do Sol, Guardador de Estrelas I e II, Ícaro, Cabeça de Guerreiro*), em desenho e técnicas mistas (séries *Rostos, Lágrimas, Guerra*), iniciadas na década de sessenta e retomadas em diversos momentos posteriores (*Monumento ao Pescador, Prometeu, Cego de Cerejais*);
- em estudos sobre a representação que incluem na obra o observador – movimento e reflexo (*Objetos lineares metálicos, Relevos*);
- na *tradução-atualização* de personagens e episódios de textos e temáticas bíblicas, mitológicas, literárias e históricas (séries *Salomé, Salomé e João Baptista, Rapto da Europa, Cântico dos Cânticos, Cristos, Mistérios da Infância do Menino Jesus, Pietà, Ilha dos Amores, Sentido Trágico da Vida/Sentimento Trágico da Vida, Travessia dos Corpos*);
- na interpretação dos programas da encomenda de esculturas ou conjuntos escultóricos para espaços públicos que integram questões e preocupações de carácter social (*Monumento ao Pescador, Monumento ao Móvel/Monumento ao Marceneiro, Homenagem à Indústria da Seda/ Monumento ao Tecelão*);
- nas metáforas da construção, ação e projeção (*Monumento ao 25 de Abril, em Bragança, Homenagem aos Bombeiros Voluntários Portuenses, Monumento ao Empresário*).

A conjugação na mesma obra, em contraste, de linguagens plásticas, materiais e métodos de realização (*Monumento ao Móvel/Monumento ao Marceneiro, Homenagem à Indústria da Seda/Monumento ao Tecelão, Navegações*), a afirmação dos valores matéricos associada às interações espaciais e deslocação de componentes, a organização de elementos refletores como vidro e metais polidos (série *Espelhos*), a integração da nebulização e fluxos de água como suportes aparentes de elementos de grande dimensão e peso (*Cubo, Praça D. João II, Monumento ao Empresário, A Pérola*) confluem para leituras que transportam o observador da experiência atual – sensorial – para memórias ou associações com outras experiências, e expandem as perceções e o sentido global das obras, do individual para o relacional.

Através de criação de situações sensíveis que incluem informação imediata (positivo-negativo; cheio-vazio; equilíbrio-desequilíbrio; montagem-desmontagem; aparecimento-desvanecimento; suavidade-aspereza; orgânico-inorgânico; escala natural-monumentalidade) a experiência sensorial, eventualmente partilhada, apela a um absoluto, a uma noção de participação. Consciente do processo de subjetivação a que está sujeita a informação múltipla e simultânea elaborada através dos valores matéricos, José Rodrigues potenciou (em cada gesto-ato de realização) a relação afetiva mas também intelectual da obra com o observador.

Contrapôs o que seria lido como um limite (de um corpo, de um objeto, de um conceito, de um projecto...) à indicação/condição de *não-limite*. Elaborando as estruturas plásticas como metáforas de dicotomias (destruição-construção; interioridade-exterioridade; identidade-alteridade; singularidade-universalidade; efemeridade-permanência; estabilidade-instabilidade; circunstância-totalidade), tornou-as um meio de compreensão do próprio processo de expressão. Contudo, as qualidades de cada estrutura, recuperadas ou reinterpretadas por José Rodrigues, podem também ser compreendidas como um elemento duma cadeia de pensamentos que ligou as experiências de todos os dias. Antagonismos e laços. As ressonâncias permitem compreender de que modo(s) as questões se foram transformando em propostas de direções em vários âmbitos. Da prática pedagógica provocativa e indutora de novas propostas conceptuais e formais, (iniciada no ano letivo de 1963/64) – que promoveu o interesse e a participação dos alunos em áreas experimentais como a medalhística, a gravura e a cenografia – à intervenção política, social e cultural, agregadora e motivadora, que deu origem à criação e dinamização de instituições de ensino e espaços culturais, reencontramos a dimensão do ato criativo como um processo de relação e de colaboração, e o desejo de transformação e ampliação da compreensão de cada momento pelo artista, enquanto ser humano.

Francisco Laranjo
artista plástico

Setembro no Porto, José Rodrigues*

O Douro corre para a foz como é seu destino, no prenúncio de mais umas vindimas que deixou aos mais atentos e exigentes cuidados de quem sabe o que nos vai reservar o ano que, como o rio, se encaminha para um fim, e que registando mais do que uma marca que nunca é igual, o irá devolver a um novo ciclo de expectativa e de surpresa.

A Região e a Cidade todos convocam, sem distinção e com orgulho em não ceder a espertezas de afirmação de provincianismos. O Porto tem tanto carácter, que até seria uma humilhação que isso acontecesse. A intensa actividade cultural nas instituições da cidade, mais ou menos institucionais e outras mais alternativas de imposição mediática e que atravessam todas as disciplinas que os criadores reclamam, congregam simultaneamente mais públicos, de todas as gerações e interesses, numa afirmação de encantamento pela vida e pela sua descoberta, quanto de pensamento. O país, como de resto seguindo o testemunho do que nos é estrangeiro, para não ficar atrás, vai reconhecendo essa reconquista de uma afirmação desinibida das atenções ao que se diz e faz criação, na arte, na ciência e e na cultura.

No turbilhão de turistas que nos visitam povoando a descoberta do que lhes oferecemos sobre nós na cidade, recebemos a notícia da morte de José Rodrigues, o Artista e Amigo que parte em viagem, como o rio, e que nos deixa uma obra imensa de generosa e profícua actividade em qualidade e dimensão onde se haveria debruçado. Do desenho à escultura, como da cenografia à dinamização cultural e associativa, num eloquente testemunho de trabalho e dedicação ao contacto com públicos ecléticos, de entrega às causas da criação e cidadania, cultivando sempre uma aproximação a uma escatologia que a história da arte portuguesa irá assinalar. Exigente criador e talentoso manipulador da matéria que amava apaixonadamente, do carvão ao barro, com matéria essencial de expressão plástica, legou-nos obras de espanto e encantamento pela seriedade e convicção lúcidas numa coerência e poética singulares na nossa escola. Foi um legítimo autor da Escola do Porto no que ela afirmou de rigor de reflexão e factura na execução, detalhe e sobriedade.

"O meu contributo para esta homenagem a José Rodrigues é desenhando. Assim demonstro o quanto aprendi com a qualidade do seu desenho", Hélder de Carvalho

Forte detentor de uma elegância plástica discursiva, como de escrupulosa consciência de comportamento e estética, na construção de uma obra sólida que lhe augurou um currículo a que todos fazemos cumprimento. Dedicação a causas sem que isso lhe servisse de plataforma de visibilidade, nunca deixou de ser a arte o seu destino de criador e a aparição dos objectos, a sua realização humana.

Pois, sorte a nossa, que do Porto a Cerveira nunca o perdemos por perto, apesar de por todo o lado sabermos presente. Legou-nos instituições de referência e uma obra tão grande quanto rara, como familiarmente nos fazia sentir no seu diálogo, que mesmo não lhe sendo próximos num primeiro contacto, assim lhe ficávamos. A Cidade soube reconhecê-lo na homenagem que lhe dedicou, num adeus a alguém que é um exemplo de um dos maiores testemunhos de artistas portugueses.

Assinalamos com elevada estima e admiração a José Rodrigues, à sua personalidade e eloquente obra, a tristeza pela sua partida e a alegria pela obra que nos lega.

Assim, no regresso ao trabalho e ao estudo, que será o motivo e o propósito de novos dias que o percurso do rio testemunhará, neste Setembro do Porto, entre a morte e a vida, na seiva que corre entre margens e desenha as folhas de um programa sempre outro a inventar, se constrói o mês.

Cremos que, entre o pragmatismo da reconstrução de um património que estimamos e que lentamente se vai refazendo, e o sonho que é pensarmos que as notícias dos jornais vão anunciar em breve um bom destino e acolhimento para a epopeia incessante de refugiados que fogem à guerra e procuram melhores condições de vida num mundo melhor que é esta Europa de medo e receio, como de interesses interesseiros e um protagonismo que se vai esvaindo em falta de autoridade moral, teremos oportunidade de fazer com que a arte e a poesia nos sirvam de quotidiano suporte e político empenhamento ao melhor desempenho de cidadania.

Assim, agora que o Outono ainda vai começar, e as folhas que a brisa baloiça nos encantam pela memória que transportam, aqui transcrevo uma afirmação de Vergílio Ferreira, na Carta ao Futuro (pág. 97), de quem agora celebramos o centenário do nascimento: "É dentro da emotividade que o mundo tem sentido...".

NOTA

* Excerto do Editorial do número de Setembro da Revista O Tripeiro.

Alberto Cadilhe

Intervalo em acto religioso

Por vezes os próprios actos religiosos, não obstante o devido respeito que merecem e a solenidade de que estão revestidos, admitem uma ou outra pausa (ou intervalo) que na ocasião pode dar vida ao assunto transmitido na respectiva cerimónia, assunto quase sempre em si repetitivo e monótono, nomeadamente através das rezas e actos formais.

Relacionado com este apontamento inicial, em parte justificativo da citada pausa (ou intervalo), apraz-me aqui registar o seguinte episódio ocorrido há uns anos durante uma missa:

Em certo domingo fui visitar a minha irmã Céu e o meu cunhado Zé, que moram numa outra localidade a cerca de quarenta a cinquenta quilómetros da minha residência.

Estava no programa de encontro, antes do almoço em comum, irmos assistir à missa das 11,30 horas numa igreja situada perto da casa deles.

Era já do meu conhecimento que o Reverendo Pároco, no decurso do santo sacrifício da missa, costumava comparticipar com o público fazendo esta ou aquela pergunta pertinente, o que tornava a cerimónia mais agradável, ocorrendo em certas ocasiões diálogos muito interessantes, alegres e dignos de anotação.

Tratava-se de uma pequena igreja (género capela), bonita e acolhedora, com bancos para os assistentes, tendo o soalho do canto direito, junto à entrada, na parte oposta ao altar-mor, uma elevação de cerca de meio metro com dois bancos para oito a dez pessoas. (Teria sido outrora utilizado para serviço de piano ou órgão e do grupo coral).

Cheguei atrasado à cerimónia. O Celebrante do acto religioso no momento em que entrei na igreja já se encontrava, após a leitura do respectivo evangelho dominical, nos princípios da sua simpática homilia.

A minha irmã e o meu cunhado estavam muito bem acomodados num dos bancos desse recanto traseiro, permanecendo de pé a seu lado a assistirem à missa algumas outras pessoas.

Como não tinha lugar sentado, não estive com meias medidas e, sem pedir qualquer licença, coloquei-me, embora por breves instantes, ao 'colo' da minha irmã (na altura estaria eu talvez na casa dos sessenta anos, o que demonstrava uma atitude estranha e invulgar, para mais dentro de uma igreja...).

Procurei conter um pouco o sorriso dos vizinhos, que acharam piada à minha atitude, ao dizer-lhes em voz baixa que ela (a obrigada, sem pré-aviso, a ceder-me por uns momentos o 'colo'...) era minha irmã. Só que tal explicação em vez de diminuir o sorriso dos presentes deu pretexto para multiplicá-lo, a ponto do Senhor Abade também se ter em parte apercebido da minha ousada façanha e brincadeira...

Houve então uma pequena pausa na homilia. De seguida, após esse ligeiro intervalo, o Senhor Padre, muito compreensivo e com simplicidade, para reatar o tema do seu sermão (interrompido), perguntou ao público: "*Onde é que nós íamos...?...*".

Pondo as mãos à volta da minha boca, respondi-lhe logo: "*Quase no fim...!...*".

A risota foi geral, incluindo nesta o sorriso contido e muito condescendente do próprio Celebrante.

(Apesar de poder desde já admitir que a segunda parte do evento acima relatado não tenha acontecido e seja mera conclusiva romanceada..., certo é que pelo menos as ditas pergunta e resposta andaram na altura pelos salões do meu pensamento em termos mais ou menos idênticos aos descritos).

Tudo isto para, sem ofensa das regras estabelecidas, demonstrar que uma ou outra brincadeira deste teor (ou de cariz semelhante) pode até dar mais alma e mais vida ao conteúdo de qualquer cerimónia, mesmo religiosa. E Deus com toda a certeza se sente muito louvado e 'feliz' quando uma criatura humana, movida pela fé, no cumprimento dos deveres religiosos, faz acompanhar o seu louvor e oração com alguma frase ou postura humorística. Aliás, também honramos os nossos pais expressando-lhes amor e carinho com beijos e abraços, muitas vezes entremeados com brincadeiras deste género.

No fundo, trata-se de uma questão de escolha dos símbolos adequados ao efeito pretendido, nada impedindo que no decurso de um acto religioso se faça um intervalo.

Importa ainda referir que o 'bom humor' é sem dúvida o principal componente da 'alegria' concedida por Deus ao homem.

Paulo Ferreira da Cunha
lusofilias@gmail.com

Estigmatizações

Num mundo real, a *função social* do "bandido" (digamos assim, constrangido, mas porque é assim que ele acaba por ser visto) é perturbar a ordem, ludibriando, furtando, roubando, matando, etc. Sempre assim foi. Seria preciso mudar muita coisa para que deixasse de assim ser. Os antigos Gregos já o diziam: *Oi anthropoi kakoi eisin* – "os homens são maus".

Curioso é que algum véu de ilusão (não como o de Rawls, mas mesmo de pura ignorância sonhadora, eventualmente alienada) terá caído sobre alguma intelectualidade (e também sobre muita gente normal, imitando-a, ainda que sem o saber) pensando que o mundo não poderia ter bandidos, escandalizando-se muito com isso, e como que suplicando-lhes que voltem ao bom caminho. Porque esse é que é o caminho normal.

Argumento claudicante. Pior: não se defendendo para prevenir os seus ataques.

Coisa diferente, note-se, é a razão por que há bandidos. Estamos convencidos de que as nossas sociedades são em algum nível criminógenas (e muitas reações ao crime serão, em muitos casos, mais criminógenas ainda), sobretudo o são as sociedades injustas. E tanto mais criminógenas quanto mais injustas e inigualitárias.

Uma aldeia recôndita em que todos são mais ou menos pobres, indigentes mesmo, quase não tem crime. Uma metrópole que fere a dignidade de muitos com o escândalo de grandes desigualdades sociais (e sobretudo riquezas adquiridas por vias ínvias) será sociedade em guerra, pois a abundância (sobretudo fraudulenta) de uns é naturalmente apetecível para a miséria de outros, que chegam mesmo à pior das indigências, a moral. Em grande medida porque sociedades egoístas não tratam de educar quem não tem meios. E ninguém nasce ensinado, nem eticamente.

Além desta dimensão social óbvia do problema, acresce que pode haver (e sempre há, como uma malformação do corpo social) um punhado de maus caráteres pela sua própria natureza, mesmo sem o catalizador de uma determinação social relevante. Esses, mesmo *nadando em contentamentos*, podem comprazer-se com o mal alheio. E se são abastados, possuem ainda mais meios para o perpetrar.

Temos de cair na realidade: há, de facto, e por toda a parte, quem queira viver à custa dos demais, quem os queira prejudicar, ofender, humilhar, e até eliminar. Assim sendo, na ordem interna ou internacional, é necessário que os inocentes deixem de ser ingénuos.

Característica humana é enaltecer e desculpar os amigos e diabolizar e culpabilizar os inimigos. Mas os "bandidos" não são os do círculo, grupo, classe, partido, religião, clube, sei lá o quê *contrários*. É necessário que cada um tenha realmente cometido crime.

Não se tome a nuvem por Juno: nem todo o membro de um grupo pelos seus líderes, ou sequer se culpe uma qualquer entidade pelos erros de um ou mesmo de muitos dos seus membros. As condenações em grupo, desde logo as feitas na comunicação social, são rastilho de ódio gratuito e em grande parte dos casos estigmatização de bodes expiatórios. Podem levar a clivagens sociais gravíssimas, não respeitando os mais elementares direitos de cada pessoa, desde logo as garantias processuais penais.

Discurso de ódio ao ar livre ou em redes sociais, ou na comunicação social são perigosos atiçadores, e não cremos que possam ser placidamente encarados, pela sua danosidade social, desde logo criadora de anomia, mas também de graves danos para com pessoas e instituições de que fazem julgamentos e clamam por punições (e já estão punindo) em praça pública. Só porque são diferentes.

O poder judicial, que por definição tem de ser acima de toda a suspeita, precisa de, com discernimento e serenidade, fora da pressão e da sedução mediáticas, esclarecer, apurar os factos, em relação especialmente a pessoas concretas e ao que concretamente fizeram mesmo. Não com juízos subjetivos, palpites, baseados em boatos, calúnias, ou em pretensos sentimentos superiores de justiça ou outros. Lembremos o artigo de Carl Schmitt sobre o sentimento superior de justiça de um Fuehrer que condena, afinal, por intuição. Hoje, milhares de pessoas condenam outras nas redes sociais, aparentemente sem responsabilização pelo que lhes imputam, se os atacados forem pessoas ou grupos com alguma notoriedade.

A forma de encarar as atitudes injustas e antijurídicas dos outros encontra-se sempre numa encruzilhada. É a luta do realismo contra o idealismo suicida, assim como a luta da razão contra a beligerância passional e sectária.

Só poderá haver verdadeira Justiça se se entender o infrator ou o inimigo não como um monstro, nem sequer o considerando humano. Por "monstruosas" que sejam as suas atitudes, deve reconhecer-se-lhes humanidade e dignidade. Com um sentimento muito esperto de defesa social.

Não faz sentido clamar contra "monstros" e não tomar eficazes medidas para prevenir que existam, nem barrar eficazmente o caminho às suas atividades criminosas. Mas sempre na mais estrita legalidade, desde logo presumindo a inocência de quem não foi declarado culpado.

João Cardim
arquitecto

A Fábrica Errante - reflexões sobre arquitectura

Uma história com um final infeliz

Ao contrário do que se depreende dos entusiásticos artigos publicados nos jornais e da emoção revelada pelo presidente da Câmara de Lisboa em cerimónia oficial, o projecto para o remate da fachada poente do Palácio da Ajuda, recentemente divulgado, parece estar longe do final que este edifício, com a sua «*história trágica*»1 de mais de duzentos anos, merecia. Como afirma Jorge Figueira no Público, há neste novo capítulo do palácio «*um bocadinho de cultura* low cost *que parece passar do Turismo para a própria resolução de problemas míticos da cidade de Lisboa*»2. Corre-se o risco de que todo este processo seja uma repetição de erros do passado e, mais uma vez, uma oportunidade perdida.

Como já muitos referiram, o recurso a um "arquitecto da casa" – nomeadamente, João Carlos Santos – é criticável essencialmente por se tratar de uma intervenção de grande relevância, envolvendo um valor considerável (15 milhões de euros)3, num edifício com uma elevada carga simbólica, que aliás advém em grande parte da sua história conturbada e do facto de ter chegado até nós inacabado. Note-se que esse facto, só por si, justificaria a abertura de um concurso público de arquitectura, pois actualmente não existem, de todo, consensos sobre como intervir em edifícios de valor patrimonial, relevando ainda mais a importância de um intenso debate entre os profissionais das várias áreas que intervêm no património edificado e da tradução desse debate no confronto de sínteses arquitectónicas.

Este aspecto é tão mais evidente quando olhamos para as poucas imagens que foram divulgadas do projecto que irá agora avançar, onde a fachada poente surge preenchida por lâminas verticais brancas que assumem o perfil do torreão incompleto. A ausência de concurso público conduz a uma visão de sentido único, afunilada e com demasiadas certezas. O arquitecto do projecto afirma tratar-se de «*uma intervenção completamente contemporânea* (...) [que] *respeita no fundo aquilo que é o essencial da composição do palácio*», proclamando que «*não fazia sentido fazer um* pastiche, *ou seja, fazer um remate com uma linguagem e uma expressão idêntica à existente*». Olhando para o *render* (imagem tridimensional que simula o projecto construído) que mostra o canto sudoeste do edifício, é difícil concordar com a ideia de que a nova fachada respeita o essencial da composição do palácio. Alguns, como Tiago Mota Saraiva, encontram na proposta de Santos semelhanças com o «*pós-modernismo tardio* [do] *edifício sede da Caixa Geral de Depósitos* [do arquitecto Arsénio Cordeiro]», vendo nas «*imagens divulgadas* (...) *um edifício de características neoclássicas em ruptura com abordagens mais contemporâneas de intervenção no património*»4 A este propósito pode-se referir, por exemplo, o projecto do Teatro Thalia (de Gonçalo Byrne, Patrícia Barbas e Diogo Seixas Lopes), que abre algumas portas para uma nova atitude nesta área.

Também a ideia de que um *pastiche* é o pior que se pode fazer em arquitectura é uma ideia um pouco gasta, especialmente enquanto se entender o *pastiche* como a imitação total e acrítica de edifícios antigos. Embora em arquitectura seja um tema quase tabu, o termo *pastiche* não é pejorativo noutros campos como a literatura, o teatro ou a música, sendo assumido como uma celebração, e não uma paródia ou caricatura, do objecto que é copiado. De resto, em Portugal sempre se fizeram, e continuam a fazer, pastiches arquitectónicos mais ou menos celebrativos, mais ou menos assumidos, mais ou menos bem conseguidos. No século XIX e inícios de XX, os revivalismos eram a norma; no Estado Novo decalcavam-se pormenores dos estilos manuelinos e joaninos; e hoje em dia criam-se (ainda) versões tímidas e/ou deturpadas dos mestres do movimento moderno. Aliás, outro *aspecto* pouco discutido mas sempre presente na arquitectura em geral é a questão da *moda*, ou do confronto entre fazer um projecto de acordo com o que se pensa ser a vanguarda do momento ou almejar um projecto intemporal – ou alcançar o segundo através do primeiro. O projecto da Ajuda parece integrar-se numa moda recente para assegurar a sua "completa contemporaneidade". Em Portugal, como provavelmente no mundo inteiro, a arquitectura sempre foi muito susceptível às modas – às vezes apelidadas de "estilos", outras vezes de "correntes" – desde a multiplicação dos frontões de Tomás Taveira nos anos 1980, à proliferação (até hoje) de "ecrãs" compostos por grandes envidraçados, em parte derivados das primeiras casas de Eduardo Souto de Moura. No caso do novo projecto para o Palácio da Ajuda, mais do que ecos da Caixa Geral de Depósitos, existirá uma reprodução das lâminas do novo edifício da EDP dos irmãos Aires Mateus, certamente destinado a ter uma repercussão considerável no nosso meio. Algures entre o temido *pastiche* e a "integração pelo contraste", muitas outras hipóteses seriam possíveis – basta ver a operação de Álvaro Siza no Chiado –, numa saudável pluralidade, aqui travada pelo "estudo económico realista"5 e pelo "aproveitar do momento"6.

No novo projecto para o Palácio da Ajuda, todas estas questões (e outras) podiam (e deviam) ser debatidas, especialmente tratando-se de um edifício que já encerra em si inúmeras propostas de acrescento, requalificação, modificação e finalização, desde Possidónio da Silva a Raul Lino, Gonçalo Byrne, António Marques Miguel ou Inês Lobo. O projecto que vai avançar aparenta ser, como afirma Figueira, «*demasiado evidente*», faltando-lhe «*uma maior ambiguidade*»7. Mais do que uma conclusão, parece um inócuo remendo, um penso rápido pronto a ser removido se for necessário, um gesto algo genérico. Mas talvez seja mesmo essa a intenção.

Para ver imagens relacionadas com esta crónica, por favor aceda a https://www.flickr.com/photos/a_fabrica_errante/albums

NOTA

[1] João Carlos Santos, in Ramos, João Fernando / Sá, Rui (RTP). "Novo Palácio da Ajuda: «É uma intervenção completamente contemporânea»". Entrevista vídeo, 19 de Setembro de 2016. Disponível em <http://www.rtp.pt/noticias/cultura/novo-palacio-da-ajuda-e-uma-intervencao--completamente-contemporanea_v948339>.

[2] Jorge Figueira, in Salema, Isabel / Canelas, Lucinda. "«*Há um bocadinho de cultura low cost no projecto para o Palácio da Ajuda*»". Público, 22 de Setembro de 2016. Disponível em <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/seccao-sul-da-ordem-dos-arquitectos-critica-ausencia-de-concurso-para-projecto-do-palacio-da-ajuda--1744867?page=-1>.

[3] A própria alocação desta verba para esta operação não está isenta de críticas, especialmente numa zona onde já existem vários museus que vão sobrevivendo fora da rota monumental – nomeadamente o Museu Nacional de Etnologia (onde existe «*um museu escondido nas reservas*») e o Museu de Arte Popular (fechado após obras de reabilitação), como referido por Alexandre Pomar. Cf. publicação no Facebook, 20 de Setembro de 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/alexandre.pomar.7/posts/1103133766390185>.

[4] Tiago Mota Saraiva, "Caro Presidente Fernando Medina, algumas considerações sobre esta matéria". Publicação no Facebook, 18 de Setembro de 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/tiagomotasaraiva76/posts/579428278903622?comment_id=579505092229274&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22R%22%7D>.

[5] João Carlos Santos, idem.

[6] Fernando Medina, in Carita, Alexandra / Costa, Filipe Santos. *Palácio da Ajuda vai ser concluído 222 anos depois do início das obras*. Expresso, 19 de Setembro de 2016. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-09-19-Palacio-da-Ajuda-vai-ser-concluido-222-anos-depois-do-inicio-das-obras>.

[7] Jorge Figueira, idem.

«Humores e Humor na Obra de Agustina Bessa-Luís»

No dia 14 de Outubro, a partir das 10 horas, vários especialistas falarão sobre Agustina Bessa-Luís, mais concretamente sobre a obra da escritora. Será no Colóquio «Humores e Humor na Obra de Agustina Bessa-Luís», que decorrerá no auditório do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho (ILCH-UM), em Braga. A abertura dos trabalhos será feita por João Cardoso Rosas (presidente do ILCH-UM), Orlando Grossegesse (director do Centro de Estudos Humanísticos da UM) e Isabel Ponce de Leão (representante do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís). Salvato Trigo (Universidade Fernando Pessoa, Porto), Catherine Dumas (Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle, Paris), Maria Filomena Molder (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e José Carlos Seabra Pereira (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) serão os oradores da primeira sessão, moderada por Carlos Mendes de Sousa (Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho).
Os trabalhos continuam à tarde, a partir das 15 horas, estando o encerramento (17 horas) a cargo de Mónica Baldaque (presidente do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís), que incluirá a apresentação do livro «Idades da Escrita», de Maria do Carmo Mendes, por Catherine Dumas e o lançamento do volume colectivo «Ética e Política na obra de Agustina Bessa-Luís», por José António Barreiros (responsável da editora) e Anamaria Filizola.

9.ª edição do «ART&TUR 2016»

O Documentário da XVIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira é finalista na Secção TV/DOC do Festival Internacional «ART&TUR 2016», que terá lugar de 19 a 22 de Outubro, em Vila Nova de Gaia. O festival contou, nesta sua 9.ª edição, com a inscrição de mais de 300 filmes provenientes de 52 países. O Documentário da XVIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira, produzido este ano com cerca de 25 minutos, tem a direcção de Luís Lagadouro.

«Do manuscrito ao livro impresso»

A próxima sessão do II Ciclo de Conferências «Do manuscrito ao livro impresso» – que decorre, até 24 de Novembro, na Universidade de Aveiro (UA), na Galeria Municipal do Porto e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (UC) – realiza-se amanhã (13 de Outubro), no Auditório Mestre Hélder Castanheira (livraria da UA), entre as 14 e as 16 horas; «Da oralidade à escrita: a revolução editorial no mundo greco-romano» será o tema abordado por Alexandra Santos (CECH, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Outubro conta ainda com conferências nos dias 19 – às 15h30, na Biblioteca Geral da UC, onde Saul António Gomes (CHSC, Faculdade de Letras da UC) falará sobre «A Bíblia Atlântica»; e às 17h30, José Cardoso Bernardes (director da Biblioteca Geral da UC) fará uma visita à Biblioteca Joanina da UC – e 27 – das 14 às 16 horas, na livraria da UA; «Do livro impresso ao manuscrito (e vice versa). A microcensura nos impressos dos sécs. 15 a 17 (fundos portugueses)» é o título da conferência que terá como orador Hervé Baudry (CHAM, FCSH/Universidade Nova de Lisboa).

7.º Ciclo de Cinema da SRNOM

Amanhã (13 de Outubro) é dia de cinema na Ordem dos Médicos do Norte. «Double Indemnity/Pagos a Dobrar» [Billy Wilder, 1944] é a proposta integrada no 7.º Ciclo de Cinema da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (SRNOM). Com o tema central «'Noir' de Outono...» dedicado, o ciclo tem ainda mais duas sessões este mês: a 20 – «Touch of Evil/A Sede do Mal» [Orson Welles, 1958] – e 27 – «Blood Simple/Sangue por Sangue» [Joel Coen, 1984]. O ciclo termina em Novembro, com sessões a 10 , «Blue Velvet/Veludo Azul» [David Lynch,1986], e a 16, «Kárhozat/Maldição» [Béla Tarr, 1988]. Organizado pela Comissão Regional Consultiva de Actividades Culturais e de Lazer da SRNOM e coordenado por António Vieira Lopes, as sessões iniciam-se às 21h15 com uma breve apresentação do filme e terminam com uma tertúlia. As sessões são gratuitas e abertas ao público.

«Outubro Musical»

O auditório da Fundação A Lord, Lordelo - Paredes acolhe nova sessão do ciclo «Outubro Musical» no dia 22, pela Orquestra da Fundação, com a participação do clarinetista Frederic Cardoso; Fados de Coimbra encerram o ciclo, no dia 29. As sessões são de entrada livre, mas com reserva obrigatória, e iniciam-se às 21h30.

Criado o Prémio José Saramago - Doclisboa

A Livraria Lello e a Fundação José Saramago criaram o Prémio José Saramago - Doclisboa, que será atribuído já nesta edição do festival que decorre entre 20 e 30 de Outubro. O galardão pretende premiar o melhor documentário falado maioritariamente em Língua Portuguesa, galego ou crioulo de origem portuguesa. O valor do prémio é de cinco mil euros e a decisão sobre o trabalho vencedor ficará a cargo de um júri a ser definido anualmente.

50 anos da morte de António Pedro

... em Lisboa

O Palácio da Independência, em Lisboa, acolhe, no dia 18 de Outubro, o «Colóquio António Pedro de Corpo Inteiro», dando continuidade ao Programa do Cinquentenário da Morte de António Pedro. A sessão de abertura, às 10h30, estará a cargo de Teresa André, da Comissão Organizadora da Homenagem, para um breve enquadramento do colóquio no programa geral; a 1.ª sessão – «Das artes plásticas ao teatro» – contará com Pedro Lapa, Fernando Pinto do Amaral, José Rui Teixeira, Carlos Morais e Teresa André como conferencistas. À tarde, às 14h30, a 2.ª sessão – «O Homem-Teatro» – será dedicada à apresentação de Edgar Pêra do documentário realizado sobre António Pedro; seguida da mesa redonda «António Pedro e o Teatro», moderada por Eugénia Vasques, a participação de José Oliveira Barata («O Teatro Universitário de Coimbra»), Júlio Gago («O Círculo de Cultura Teatral - Teatro Experimental do Porto), José Vaz («O Teatro em Avintes») e Francisco Fragoso («O Teatro em Cabo Verde»).

... no Porto

A próxima sessão do ciclo de roteiros literários e conferências «Foz Literária», a 26 de Outubro, será dedicada a este homem multifacetado. Sob o título «Com António Pedro há Sempre Uma Foz», terá como oradores Júlio Gago, Isabel Ponce de Leão e Francisco Mesquita Guimarães. Os encontros realizam-se no Forte de São João Baptista da Foz, às 18h30. Dois dias depois (28), António Pedro será lembrado na Fundação Eng. António de Almeida, numa conferência por Pedro Eiras e apresentação de Ana Paula Coutinho, a partir das 21h30.

Saberes & Sabores

Dia 22 às 16h30 a Casa da Beira Alta é palco no lançamento do livro Saberes & Sabores das autoras Ana Mafalda Damião, Isabel Damião e Olga Dias. Muita da informação que se encontra neste livro foi recolhida junto de pessoas oriundas da Beira Alta; portanto não estava ainda registada. Ao mesmo tempo, trata-se de uma homenagem à Casa da Beira Alta, Associação Cultura e Recreativa com Estatuto de Utilidade Pública, fundada há 60 anos no Porto. Uma associação que continua empenhada na divulgação e promoção daquela Região tão rica e tão bela.

«É tempo de falar do Padre Américo»

No próximo dia 22 de Outubro «É tempo de falar do Padre Américo | desenhos, pinturas, poemas e outros lugares poéticos». O lançamento desta obra com prefácio do padre Júlio Pereira, cuja venda reverte para a Casa do Gaiato, é mais uma acção da Modo de Ler para lembrar o "Santo Padre" e apoiar a sua obra. A sessão terá lugar na Praça da República, no Porto, junto da estátua do Padre Américo, a partir das 15h30.

Casino Espinho

AMANHÃ
Sensualidades
Tema da III parte -Alma Lusa
Encontro de Arte com Margarida António.
18.30
Palestras por oradores de
reconhecimento nacional e internacional
Música piano
Dança Ballet
Poesia
20h30
Jantar dançante (32.50 euros p/p)
Danças de salão
Música ao vivo anos 60/80

23.º curso no Solar Condes de Resende

A partir de 15 de Outubro, o Solar Condes de Resende e a Academia Eça de Queirós, grupo de trabalho profissional dos Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana, em colaboração com outras entidades, vão realizar um curso livre sobre História Naval do Noroeste Português. O tema reveste-se de especial importância tendo em conta que a História Naval da região é pouco conhecida do público em geral, dos docentes e dos alunos dos vários graus de ensino, e que em 2019 se comemoram os 500 anos da primeira circum-navegação empreendida por Fernão de Magalhães, um navegador nascido nesta região. Este é o 23.º curso organizado nas mais diversas áreas e decorrerá até 18 de Março de 2017, ao longo de 13 sessões, aos sábados à tarde no Solar Condes de Resende, em Vila Nova de Gaia, entre as 15 e as 17 horas, ao ritmo de duas por mês. A todos os participantes será entregue, no final do curso, um certificado de frequência e um CD com os textos dos professores sobre a matéria dada. A frequência do curso.

Guimarães Cinema Som

A 1.ª edição do Festival Internacional de Cinema de Guimarães, «Guimarães Cinema Som», está a decorrer até 15 de Outubro e "perspectiva o som como elemento estrutural de um filme considerando-o para além da música. O festival apresenta uma estrutura tripartida que compreende uma mostra de filmes não competitiva; diversificada oferta formativa; e uma secção de filmes internacionais em competição atendendo ao tratamento artístico do som". Na sua primeira edição, o festival homenageia o cineasta Rob Rombout, nome maior do documentário, através da Retrospectiva Rob Rombout. Por sua vez, a aposta na sensibilização do público jovem para a valorização do cinema enquanto arte passa pelas Manhãs Cinema Som, através de obras que apelam ao conhecimento da história do cinema. Nestas sessões, é proposto às escolas de Guimarães a fruição de momentos fundadores do cinema com vista à promoção da cultura cinematográfica dos jovens. Destaque para o pianista Renato Diz que, vindo expressamente de Nova Iorque a convite do festival, será cúmplice do contrabaixista Sérgio Tavares, na ilustração musical de «O Inquilino Sinistro», de Alfred Hitchcock (1927, 87 min., M/12), no dia 13, no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor, às 21h45. O mesmo espaço acolherá o encerramento do certame: filme-concerto com a Orquestra do Norte.

Início do ano do ICDAFG

A sessão solene de abertura do novo ano do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes (ICDAFG) tem lugar no próximo dia 20 de Outubro, às 17h30, na Casa Andresen (Rua do Campo Alegre), no Porto. A sessão será presidida pelo bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, e será prestada a homenagem «Casa de Sophia», dedicada a Sophia de Mello Breyner Andresen e à família. Isabel Pires de Lima – «Sophia e o ofício da poesia» – e Maria Andresen – «Espaços geográficos e figuras titulares» – intervirão na sessão, seguidas de leituras de Sophia por Isabel Rio Novo. Serão ainda entregues os Prémios das Quadras de S. João e anunciado o vencedor do Prémio Frei Bernardo Domingues de 2016.

O ICDAFG, instituição de Utilidade Pública, tem como patrono D. António Ferreira Gomes e o presidente da instituição, . Armando Coelho, enaltece o facto de ser "frequentado por cerca de meio milhar de "alunos", interessados e ativos, erigindo-se, deste modo, em polo de formação privilegiada, no território da cidade do Porto e da região. Com mais de trinta unidades culturais, vários cursos práticos e outras atividades no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, onde se distinguem abordagens interdisciplinares nas áreas das ciências e técnicas do património, das ciências religiosas, dos estudos e práticas literárias e artísticas e de outras disciplinas, como a Filosofia e a Psicologia, a Sociologia e a Política, a Comunicação Social e as Novas Tecnologias, afirma-se como espaço cultural, em diálogo, reflexão, debate e partilha.

Ao celebrar o seu 20.ª ano sob o signo de Sophia de Mello Breyner Andresen, o Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes pretende render homenagem a sua "casa", construção e família, pelo significado, real e simbólico, de tão singular património, físico, cultural e moral, que nos legou, com evocação encantada do relacionamento entre D. António e Sophia, como se manifesta no prefácio que redigiu para os seus Contos Exemplares".

«A Queda dum Anjo» em Mirandês

Cento e cinquenta anos depois do lançamento da primeira edição de «A Queda dum Anjo» de Camilo Castelo Branco, a obra foi traduzida em Língua Mirandesa, por Alfredo Cameirão. Esta é a grande homenagem da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e da Casa de Camilo a "Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, morgado da Agra de Freimas, nascido em 1815, na aldeia de Caçarelhos, termo de Miranda", o herói deste romance satírico de Camilo. A iniciativa insere-se no programa da 3.ª edição dos Encontros Camilianos de São Miguel de Seide.

Património organeiro histórico em ciclo de concertos

Vila Nova de Famalicão e Santo Tirso acolhem, até 16 de Outubro, o II Ciclo de Concertos de Órgão. A iniciativa é promovida pela Associação Cultural Tagus Atlanticus, com o apoio das duas autarquias, e decorre está ainda a decorrer em Santo Tirso, nas igrejas de Roriz (dia 14); Burgães (dia 15) e Santo Tirso (dia 16). De acordo com o director artístico, Marco Brescia, a iniciativa tem como objectivo principal "a valorização do património organeiro histórico dos concelhos de Vila Nova de Famalicão e Santo Tirso.

3.ª edição do concurso «Outro Prisma»

A Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Norte (OASRN) promove a 3.ª edição do concurso de fotografia de arquitectura «Outro Prisma», no Instagram. Esta iniciativa, aberta à participação de todos os interessados nos temas da arquitectura e fotografia, decorre até 25 de Dezembro, sob o tema «Arquitectura, Luz e Sombra».

Isabel Ponce de Leão
prof. universitária UFP

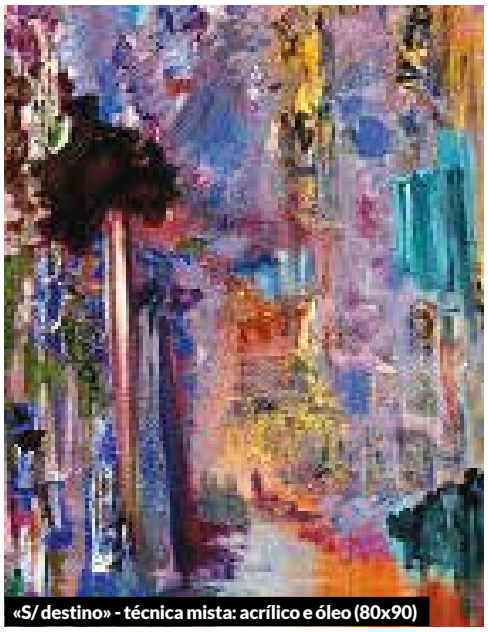
A várias vozes...

O Forte de S. João Baptista da Foz tornou-se, ultimamente, palco de grandes manifestações artísticas e culturais. Trata-se de um espaço que a União de Freguesias de Aldoar Foz do Douro Nevogilde tem sabido dinamizar acolhendo eventos provenientes das várias áreas do saber que estabelecem diálogos, assim promovendo a interdisciplinaridade e a interculturalidade.

Vêm estas considerações a propósito da Exposição de Pintura que aí decorre entre 12 e 14 de Outubro e em que pontificam os nomes de Carmen Trigo, Luís Pedro Viana e Helena Canotilho. O virtuosismo desta mostra reside não só nos nomes dos artistas plásticos acolhidos, já com créditos adquiridos, como também na destreza de estabelecer os diálogos possíveis entre estéticas dissemelhantes.

São, no seu conjunto, cerca de trinta trabalhos, de vários temas e técnicas, a que me referirei de acordo com a ordem por que aparecem na faixa publicitária.

A arte de Carmen Trigo enraíza nas propensões abstraccionistas, teorizadas por Kandinsky, apresentando justaposições de cores e, na maioria dos casos – digo na maioria dos casos porque, ainda que escassamente, por vezes o geometrismo espreita, na senda do construtivismo –, perseguindo o *zero da forma* (Malevich). As relações entre as cores primárias e secundárias, ou, por vezes, entre as várias tonalidades da mesma cor, erigem aqui uma linguagem expressiva que funciona mais como expressão de emoções íntimas e menos como princípio lógico do design. Assim cria um movimento pulsátil e de profundidade que desafia o leitor a convocar os tempos do início do pós-guerra e nomes como os de Rosenberg ou Pollock.

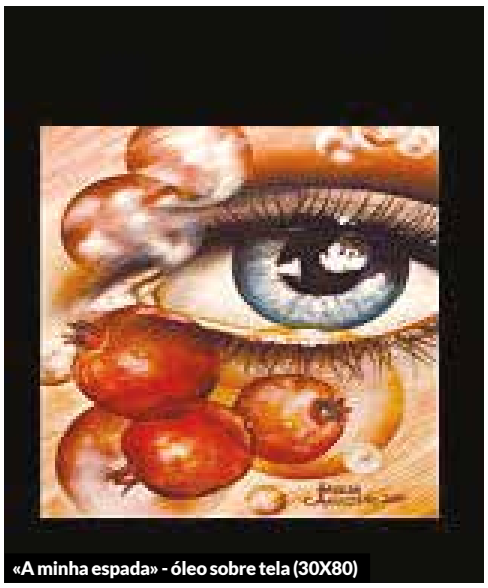

«S/ destino» - técnica mista: acrílico e óleo (80x90)

O também poeta Luís Pedro Viana faz, pertinentemente, jus à efeméride evocadora dos 400 anos da publicação de *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha* de Cervantes – para nós simplesmente o Dom Quixote – através de uma magnífica série de telas que evoca os protagonistas da história. Interessantemente agarra os motivos que a enformam – D. Quixote cavalgando o seu Rocinante, Sancho Pança, a doce Dulcineia, os indispensáveis moinhos... – e, oscilando entre a caricatura apreendida em Carracci, – uma caricatura longe da sátira menipeia, logo sem subversões ao real nem maledicências vãs –, e a feição expressionista vai desvendando impressões caracterizadoras da índole de seres e objectos. Os excessos adjacentes a estas tendências estéticas quase se demitem para dar lugar a um pessoalíssimo lirismo em que humor e ternura são protagonistas primazes. Não há aqui distorções, outrossim um jogo de formas e uma economia de traços que fazem uma notável recreação da história do *Caballero de la Triste Figura*. A paródia que opõe o idealismo ao real reivindica assim uma leitura de afectos.

Helena Canotilho persegue uma estética surrealista *sui generis*. Afastando-se da poética do feio, tem nos olhos e nos frutos os seus motivos electivos. Através deles, indaga o irracional e subverte convenções numa exploração da mente pela da pintura. Numa linha freudiana, parece haver aqui um simulacro de automatismo psíquico que leva à expressão visual

«Dulcineia» - acrílico sobre tela (80x100)

do oculto. Dali e Magritte serão modelos a ter em conta pela técnica depurada do desenho e pela ponderação da metamorfose na combinação do racional e do irracional. Uma clara preocupação estética, perseguidora do belo – parco em nomes como Duchamp ou Miró – e a elucidativa poética paratextual são indicadores precisos de uma independência ética e estética apenas bafejada por sopros surrealizantes.


«A minha espada» - óleo sobre tela (30X80)

Isto dito, porque se juntam numa mesma mostra temas, motivos e estilos tão díspares? Justamente pelo amor à arte, pela forma de comunicar partilhada, por uma ética e uma estética que demandam – só podem demandar – um mundo melhor. Aqui se configura a arte enquanto elemento salvífico, enquanto imagem da beleza, uma beleza que tem na alquimia da cor, dos traços e dos volumes a sua expressão mais sublime. Uma arte que demanda a Arte em pertinentes apelos dialógicos. O espaço e a Arte merecem-se. E, por trás deles, estão os artistas a desafiar o visitante a leituras múltiplas rumo a um ecumenismo pela diversidade.

9 771647 290000 00180

Ferreira de Castro

100 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

11 ~ 21 OUT 2016

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

CONFERÊNCIAS

ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA
CÉLIA PINHO
ISABEL PONCE DE LEÃO
JOSÉ MANUEL MENDES
PAULO SAMUEL
PEDRO CALHEIROS

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

RUA TENENTE VALADIM, 325 · 4100-479 PORTO
TEL.: 226 067 418 · E-MAIL: FUNDACAO@FEAA.PT

DESIGNER GRÁFICO **OLGA ALMEIDA**

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

COLABORAÇÃO